

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
Programa de Pós-graduação em Artes Visuais- Mestrado**

**VISUALIDADES E PERIPÉCIAS TRANSGRESSORAS DO FOLGUEDO LA  
URSA EM JOÃO PESSOA - PB**

**Camilo de Figueiredo Aranha**

Recife-PE  
Março/ 2014

**Camilo de Figueiredo Aranha**

**VISUALIDADES E PERIPÉCIAS TRANSGRESSORAS DO FOLGUEDO LA  
URSA EM JOÃO PESSOA - PB**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação do Mestrado em Artes Visuais das Universidades Federais de Pernambuco e Paraíba - PPGAV- UFPE/ UFPB, como exigência parcial para obtenção do título de **MESTRE EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS.**

Orientador:  
Dr. Erinaldo Alves do Nascimento-UFPB

Recife-PE/  
12 de março/ 2014



**CAMILO DE FIGUEIREDO ARANHA**

**VISUALIDADES E PERIPÉCIAS TRANSGRESSORAS DO  
FOLGUEDO LA URSA EM JOÃO PESSOA**

Aprovada em 12 de Março de 2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento** – Orientador (UFPB)

---

**Prof. Dr. Raimundo Martins** – Membro Titular Externo (UFG)

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Wilner** - Membro Titular Interno (UFPE)

## **DEDICATÓRIA**

*Este trabalho é dedicado à comunidade e aos grupos de La Ursa do Bairro Rangel em João Pessoa, Paraíba, grandes incentivadores desse folgado. Dedico, ainda, a todos aqueles que participaram deste trabalho e contribuíram para repaginar e construir esse novo contexto de minha existência.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, à minha mãe, Maria de Lourdes de Figueiredo Aranha, pela construção deste trabalho, pelo apoio e pelo incentivo “maior de grande”;

Ao Professor Doutor Erinaldo Alves do Nascimento, meu orientador, que acreditou em mim, estimulou-me e me acompanhou nessa jornada;

Aos Professores Doutores Raimundo Martins e Renata Wilner, examinadores componentes da banca de qualificação e de defesa, por suas valiosas contribuições intelectuais para o enriquecimento deste trabalho;

A toda a equipe da Coordenação e da Secretaria do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais das Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba (PPGAV-UFPE/UFPB), por terem demonstrado ser grandes pessoas e amigos construídos nessa breve e sólida caminhada, sem medir esforços para nos ajudar;

À Secretaria Municipal de Educação do Natal - SME, em nome da Professora Justina Iva de Araújo Silva, e da secretária adjunta, Sr<sup>a</sup>. Judineide Domingos Campos de Souza;

À gestão 2013 da Escola Municipal Professora Maria Dalva Gomes Bezerra (RN), em particular, à Professora Joelma Bezerra;

A minha família (irmãos e sobrinhos), em particular, a minha irmã Rita de Cássia de Figueiredo Aranha, e Fernanda Nascimento Correia, minha companheira de todas as horas, que me apoiou, acreditou e se fez presente em momentos delicados, sempre que necessário;

Aos amigos Edigites Mendes (RN), José Fernando (PPGAV/ UFPE), Mestra Aline Basso (PB), Mestre Itamar Morgado (PE), ao fotógrafo Hermano de Carvalho, a Alfredo Amaral (CCTA-UFPB), a Wagner Spagnul, aos Professores Drs. José Ângelo Gregolin (UFSCA-SP), Carlos Cartaxo, João de Lima e Gilberto Pekala (UFPB), ao Mestre Hamilton Coelho (PB), à equipe do grupo de pesquisa (GPEAV-UFPB), em particular, à amiga Socorro Limeira e à memória do amigo Elydio Santos Neto, em especial, ao meu muito grande amigo a quem as palavras serão sempre insuficientes para traduzir tamanha grandeza de pessoa, Dr. *Fernando Abath Cananéia*. Minha eterna gratidão a todos vocês.

”Pro homem pra quem o trabalho é festa  
Todo dia é de festa é mais mió  
Porque a sua festa é sua vida  
E o fruto do trabalho é mais maior  
É toda recompensa do esforço  
É alegria no derrame do suor”.

(Trabalho e Festa)  
Gonzaguinha

## RESUMO

Visualidades e peripécias transgressoras do folguedo La Ursa em João Pessoa é uma pesquisa que analisa os processos que envolvem a construção de conhecimentos desse rito de natureza dramática da cultura popular, que acontece às vésperas dos festejos carnavalescos em alguns estados da Região Nordeste do Brasil e durante eles. A principal característica dessa folgança é a figura de um "Urso" com uma cuia na mão e segurado por uma corda pelo domador que, acompanhado por uma batucada, apresenta um bailado nas ruas e em outros locais públicos, interpelando transeuntes que encontra pelo caminho a fim de se divertir e conseguir alguns "trocados". A investigação analisa como e quais tipos de educação atuam na produção do ensino e da aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos dos grupos "Macaco louco do Rangel" e "Urso amigo batucada", durante a elaboração das visualidades e das performances realizadas nessa brincadeira vivenciada no Bairro do Rangel. Assim, por meio de uma abordagem qualitativa do tipo etnográfica, os dados foram coletados usando-se instrumentos como entrevistas, registros fotográficos e observações diretas sobre a preparação e a atuação desses grupos. A pesquisa se fundamenta em referenciais teóricos baseados nos princípios da Cultura Visual e da Antropologia do Cotidiano, pautadas em reflexões sobre o carnaval brasileiro. Seu resultado evidencia, a partir da análise dos grupos investigados, a existência de dois tipos de educação: uma informal e outra não formal. Ambas envolvem a construção de visualidades compostas por elementos estéticos, sonoros e performáticos. O primeiro tipo de educação atua de forma espontânea, por meio do improviso, apenas para fins de entretenimento, enquanto a outra é vivenciada profissionalmente e atende a diversos fins, como: diversão, competição e ação social. No entanto, ambas atuam como formas de resistência da cultura popular, promovendo a difusão e a renovação de valores dessa manifestação artística e suas estratégias de sobrevivência, experiências construídas na prática cotidiana e no ato de interagir e de brincar de "La Ursa". Entendemos que essas formas de manifestação artística têm uma importância fundamental na construção de conhecimento para promover e valorizar o folguedo "La Ursa" e que as bases teóricas da Educação pela Cultura Visual tem importante papel social nesse processo, uma vez que atuam como uma ferramenta fundamental para uma compreensão crítica desses posicionamentos, que ajuda a entender e valorizar as visualidades imagéticas desse folguedo produzidas no campo da arte e da cultura.

**Palavras-chave:** La Ursa. Cultura Visual. Educação. Visualidades.

## RESUMEN

Visualidades y travesuras transgresoras de la juerga de La Osa, en João Pessoa es una encuesta que examina los procesos que intervienen en la construcción del conocimiento que Rito de la naturaleza dramática de la cultura popular, que tiene lugar en la víspera de las fiestas de Carnaval en algunos estados en el noreste de Brasil y durante ellos. La característica principal de la alegría es la figura de un "oso" con un plato en la mano y asegurado con una cuerda al domador, acompañado de tambores, presenta un baile en las calles y otros lugares públicos, interpellando a los transeúntes que se encuentra con el para divertirse y conseguir algo "intercambiados". La investigación examina cómo y qué tipo de trabajo de educación en la producción de la enseñanza y el aprendizaje de los niños, adolescentes y adultos de grupos "Crazy Monkey Rangel" y "Oso amigo batucada", durante la preparación de visualidades y actuaciones experimentados hizo esta broma en el barrio de Rangel. De este modo, a través de un enfoque cualitativo etnográfico para ordenar los datos fueron recolectados a través de herramientas tales como entrevistas, registros fotográficos y observaciones directas sobre la preparación y el rendimiento de estos grupos. La investigación se basa en los marcos teóricos basados en los principios de la antropología y la cultura visual de la vida cotidiana, reflexiones guiadas sobre el carnaval brasileño. Sus resultado muestra, con base en el análisis de los grupos investigados, la existencia de dos tipos de educación: la otra informal y no formal. Ambos implican visualidades edificio compuesto estética, acústica y elementos performativos. El primer tipo de educación actúa espontáneamente a través de la improvisación, sólo para fines de entretenimiento, mientras que el otro es experimentado y profesionalmente sirve varios propósitos como: la diversión, la competencia y la acción social. Sin embargo, ambos actúan como formas de resistencia de la cultura popular, la promoción de la difusión y la renovación de los valores que las estrategias de expresión artística y de su supervivencia, las experiencias construidas en la práctica diaria y en el acto de interactuar y jugar "La Osa". Entendemos que estas formas de expresión artística tiene un papel importante en la construcción de conocimiento para promover y aumentar la alegría "La Osa", y que la base teórica de la Educación Cultura Visual tiene un papel social importante en este proceso, ya que actúan como una herramienta primaria para una comprensión crítica de estas posiciones, lo que ayuda a comprender y apreciar las visualidades imaginaria esta alegría en el campo del arte y la cultura.

**Palabras clave:** La Ursa. Cultura Visual. Educación. Visualidades.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - La Ursa do Bairro Rangel em João Pessoa-PB .....	8
Figura 2 Urso Panda - Carnaval Tradição 2013.....	11
Figura 3- Imagem do Carnaval Tradição de João Pessoa - PB .....	16
Figura 4 - La Ursa no centro da cidade - João Pessoa- PB.....	17
Figura 5 - La Ursa do Bairro Rangel - João Pessoa –PB/ .....	26
Figura 6- La Ursa no centro da cidade - João Pessoa - PB.....	29
Figura 7 “La Ursa da terceira idade” - Apresentação no Carnaval Tradição em João Pessoa - PB.....	33
Figura 8 - La Ursa "Urso Panda" Bairro do Cristo - João Pessoa - PB .....	35
Figura 9 - La Ursa "As mulheres do Negão" - João Pessoa - PB.....	36
Figura 10 La Ursa Macaco Louco - Rangel / João Pessoa - PB .....	44
Figura 11 La Ursa Macaco Louco - Rangel- João Pessoa - PB.....	45
Figura 12 Mapa do Bairro Rangel em João Pessoa - PB .....	46
Figura 13 Sala de instrumentos do Urso Amigo Batucada.....	75
Figura 14 Reunião da Fed. de La Ursa/ prefeitura e imprensa/ 2013.....	92
Figura 15 - Sede do Urso Amigo Batucada – Rangel - 2013 .....	94
Figura 16 - Alegorias U.A. B .....	94
Figura 17 La Ursa "M. L. R." .....	95
Figura 18 - Macaco Louco do Rangel/ 2013.....	95
Figura 19 La Ursa Macaco louco do Rangel - 2013 .....	96
Figura 20 Urso Verde.....	96
Figura 21 La Ursa 3ª Idade - 2013.....	96
Figura 22 - Urso Folião .....	97
Figura 23 - Urso da Paz .....	97
Figura 24 - Público infantil - Carnaval Tradição - JP/PB 2013.....	98

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 O CARNAVAL BRASILEIRO E O FOLGUEDO LA URSA .....</b>	<b>17</b>
2.1 O FOLGUEDO LA URSA COMO DESCONSTRUÇÃO DO SOCIAL .....	24
2.2 O FOLGUEDO LA URSA EM JOÃO PESSOA/PB .....	31
<b>3 CAMINHOS E POSSIBILIDADES PARA PESQUISAR O LA URSA .....</b>	<b>37</b>
3.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	38
3.2 ETAPAS DA PESQUISA QUALITATIVA .....	41
3.3 VISUALIDADES DO FOLGUEDO LA URSA .....	42
3.4 TERRITÓRIOS DO “LA URSA” DO BAIRRO DO RANGEL - JOÃO PESSOA - PB .....	46
3.5 DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS .....	48
<b>4 VISUALIDADES E PERIPÉCIAS TRANSGRESSORAS DOS FOLGUEDOS LA URSA “MACACO LOUCO” E “URSO AMIGO BATUCADA” DO BAIRRO RANGEL - JOÃO PESSOA - PB.....</b>	<b>55</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>
ANEXOS .....	
Transcrição das entrevistas com os grupos de La Ursa “Macaco Louco do Rangel” e “Urso Amigo Batucada” .....	
Fotos do Carnaval Tradição JP/PB- Arquivo pessoal-2013 .....	

## 1 INTRODUÇÃO

Realizar uma pesquisa tendo como foco a tradição cultural do folguedo La Ursa é a culminância de um desejo e de uma necessidade de alguns anos atrás. Certa vez, ao passar em uma rua do Bairro do Rangel<sup>1</sup>, na capital da Paraíba, algumas semanas próximas ao carnaval, deparei-me com um grupo de adolescentes mascarados, divertindo-se e fazendo peripécias nas imediações de um semáforo. Eles realizavam intervenções coreográficas que envolviam dança, música e a repetiam a frase: “La Ursa quer dinheiro, quem não der é pirangueiro...”.

Um deles, fantasiado de urso e preso a uma corda fixada à cintura, movimentava-se freneticamente ao som de uma batucada improvisada pelos demais colegas. Esse personagem corria, pulava, fazia estripulias e dançava em direção às pessoas e aos carros, conduzindo, em uma das mãos, uma pequena lata em forma de cuia. Algumas moedas bailavam e “tilintavam” dentro da lata. O grupo usava uma coreografia corporal, que unia o bailado e a caminhada, tentando envolver os transeuntes encontrados no caminho, com gestos que indicavam um pedido de dinheiro.

**Figura 1** - La Ursa do Bairro Rangel em João Pessoa-PB



Fonte - Arquivo pessoal

---

<sup>1</sup> Bairro do Rangel: Para o IBGE (2014) esse bairro consta com a denominação de Varjão.

As performances desenvolvidas espontaneamente pelo grupo, ao ritmo do som produzido pelos demais colegas adolescentes atraíam a atenção de todos. Os gestos de ousadia, irreverência e zombaria feitos pelo “Urso”, ao som pulsante de seus instrumentos manufaturados, quebravam a rotina. Os artefatos sonoros percussivos, elaborados artesanalmente por eles, são construídos de materiais descartáveis e recicláveis, como latas, garrafas, baldes plásticos, pedaços de madeira, caixa de papelão, entre outros, facilmente encontrados em ruas e calçadas do bairro.

As vestes do Urso, em geral, são confeccionadas com material proveniente de saco de estopa, algodão ou de nylon, com vários orifícios em que são presas diversas tiras coloridas de pano. A composição desses materiais diferentes ajuda a enfatizar os movimentos executados pelo personagem, dando-lhe vida e desenvoltura na performance. A máscara, outro acessório marcante e característico dessa brincadeira, é, em geral, feita de papel machê, geralmente em forma de um animal: um urso ou, algumas vezes, um macaco. Cobre toda a cabeça do personagem e complementa suas vestes. O conjunto da visualidade proporciona aos expectadores reações de suspense, mistério e apreensão.

Esse acontecimento fez-me recordar minha infância e a primeira impressão que tive ao ver um La Ursa: uma sensação de medo, de pavor e de pânico. Isso era agravado pelo fato de, naquele momento, desconhecer a existência e a importância do folguedo e sua relação com a cultura local. Vários anos depois, tive acesso a um grupo de pessoas no bairro onde moro, que trabalhavam com arte e cultura. Eram artistas plásticos, músicos, poetas, jornalistas, fotógrafos, coreógrafos e atores. Identifiquei-me com os trabalhos, com as ideias ali discutidas e com o ambiente fascinante que era aquele espaço alternativo. Era um espaço aberto aos movimentos artísticos e culturais do bairro, que incluía o Musiclube da Paraíba, o Clube da Gravura, Ateliês de pintura, o jornal de recorte “Faces” e o espaço de cultura do Nelson Teixeira, um amigo músico e compositor. As discussões ali promovidas despertavam constantemente a minha curiosidade, gerando sentimentos de bem-estar, prazer, questionamento, provocação e muita afinidade, motivados, geralmente, pelo entretenimento e pelos ensaios musicais que ali aconteciam. Tudo

contribuía para me fazer querer estar ali, participando, aprendendo e ampliando os meus conhecimentos.

A partir de então, passei a trabalhar com artes visuais, especificamente, com a pintura. Alguns anos depois, também me envolvi com a produção cultural de eventos em áreas afins como música e carnaval. Ao ingressar na Universidade Federal da Paraíba, no Curso de Licenciatura em Educação Artística, em 1992, busquei associar a minha experiência de vida, construída no campo informal da arte e da cultura, ao conhecimento formal da Academia.

Quando surgiu a possibilidade de cursar o Mestrado em Artes Visuais - UFPB/UFPE – vi que era uma oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre o folguedo La Ursa. Depois que cursei as disciplinas do Mestrado, passei a relacionar a perspectiva da Cultura Visual como um possível campo teórico para fundamentar estudos do processo de construção de visualidades e de performances, aqui entendidas como “peripécias transgressoras”. As visualidades e as peripécias são vivenciadas por grupos de crianças, adolescentes e adultos, que fazem, compõem e brincam com esse entretenimento no Bairro do Rangel, como também no Carnaval Tradição, ambos na cidade de João Pessoa - PB.

O Carnaval Tradição é um concurso carnavalesco que ocorre na Avenida Duarte da Silveira, no centro de João Pessoa - PB, durante o período momesco. É promovido e organizado pela Prefeitura Municipal da cidade, em parceria com a iniciativa privada e entidades não governamentais, como a Federação Paraibana de Carnaval, entidade oficial dos diretores das categorias de Escolas de Samba, orquestras de frevo, representações “folclóricas” de tribos indígenas e a Federação de La Ursa, integrada por dirigentes desse folguedo.

O evento conta com uma equipe mista composta por: representantes do poder público; artistas, intelectuais e carnavalescos, que são responsáveis pela indicação dos jurados, pela definição das premiações dos três primeiros lugares de cada modalidade, do valor da premiação, da organização e da divulgação de datas, de horários e categorias de cada módulo dos desfiles carnavalescos. O evento acontece todos os anos, a partir das 18h, nas noites de carnaval.

Os participantes concorrem à classificação e às premiações disputadas em cada categoria. Os prêmios são pagos em dinheiro, no último dia, depois do desfile e da apresentação dos vencedores. Para a premiação, a comissão julgadora utiliza critérios de avaliação como desempenho na avenida, criatividade, plasticidade, coreografia, ritmo, tempo de duração, integração com a plateia, arranjos, fantasias, entre outros.

**Figura 2** Urso Panda - Carnaval Tradição 2013



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Compreendemos o folguedo La Ursa como o foco de uma ação social, cultural e educativa vivenciada, espontânea ou organizadamente, por grupos de pessoas que moram em alguns bairros da cidade de João Pessoa/PB. Os dados desta pesquisa serão socializados com os grupos de folguedo, na perspectiva de colaborar com a difusão desse entretenimento e de valorizá-los como produtores de processos de educação informal e não formal no campo das Artes Visuais, na construção de conhecimento.

Assim, algumas questões provocaram a realização desta pesquisa: como as modalidades artísticas (artes visuais, dança, teatro e música) são utilizadas pelos grupos “Macaco Louco do Rangel” e “Urso Amigo Batucada”, quando brincam com La Ursa? Que processos de ensino e de aprendizagem são desenvolvidos por esses grupos ao interagirem tanto na comunidade do

Bairro do Rangel quanto no concurso do Carnaval Tradição, com as visualidades performáticas do folguedo?

A presente pesquisa é do tipo etnográfico e de abordagem qualitativa. É aplicada a dois grupos de La Ursa: um espontâneo e outro profissional. Busca respostas para tais indagações, uma vez que ambos brincam essa folgança no Bairro do Rangel, em João Pessoa/PB.

A respeito da investigação do tipo etnográfico, Martucci (2001, p. 1) assevera:

[...] Esse tipo de investigação procura compreender e retratar a particularidade e a complexidade de um grupo natural ou microcultura, a partir dos significados subjetivos de seus atores, coletados em seu contexto ecológico, por meio de observação participante, entrevistas e narrativas escritas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, várias técnicas de coletas de dados são necessárias, especialmente as entrevistas, os registros fotográficos e as observações diretas durante a preparação e a atuação do folguedo em foco. A entrevista tem um papel preponderante, pois facilita a identificação das concepções que as pessoas têm acerca de determinado problema ou questionamento. Trata-se de um “instrumento, por excelência, da investigação social” (MARCONI E LAKATOS, 1996, p. 84). Nesse caso, utiliza-se o recurso metodológico da entrevista aberta, com dois grupos de La Ursa do Bairro Rangel. A combinação dessas informações permitirá cruzar os dados coletados por meio de observações e anotações com os diversos autores que se elegeram como referencial teórico.

Tomando como referência a pesquisa qualitativa, contamos com o apoio de alguns princípios da hermenêutica para realizar uma investigação que proporcione um estudo dos fenômenos humanos e sociais. Isto viabilizou diversas maneiras de interações com os sentidos das variadas inter-relações dessa folgança e em seus múltiplos ambientes, articulando uma mediação entre elementos empíricos, teóricos e conceituais.

A abordagem qualitativa do tipo etnográfico enfatiza a investigação interpretativa e nos instiga a usar o registro da visualidade, da entrevista, bem como da observação participante, tendo como determinante os grupos estudados.

A observação é de grande importância, considerando que é um elemento básico de investigação científica. Richardson (1985) assinala como um dos pontos positivos no uso da observação a possibilidade de se obter a informação no momento em que ocorre o fato, dando condições de se verificar detalhes da situação, que poderiam ser esquecidos com o passar do tempo. Nesse aspecto, o observador participante é “aquele que participa ativamente das atividades do grupo, assume responsabilidades e se comporta como colega em relação aos membros do grupo” (COULON, 1995).

O universo da pesquisa foi constituído por dois grupos de La Ursa: um infantil, que denominamos de espontâneo, formado por crianças com idades entre nove e quatorze anos. Estamos considerando o termo “espontâneo” para enfatizar uma característica principal desse grupo que é de não ter hora, local, percurso, dia certo, bem como componentes fixos ou gênero sexual determinante entre eles para ir às ruas, montar e brincar com seu La Ursa.

O La Ursa profissional, mesmo incluindo crianças, adolescentes e adultos, participa do concurso do “Carnaval Tradição”. A delimitação da faixa etária partiu, inicialmente, de observações sobre a grande incidência do público envolvido na construção desse folguedo. Em razão do exposto, entende-se a importância de investigar o folguedo La Ursa, sob a ótica da pesquisa qualitativa do tipo etnográfico, porque se trata de uma produção da cultura local, envolta em visualidades, plasticidades, dramaticidades e em interação com o cotidiano. Esse entretenimento desenvolve também um processo de educação, que colabora diretamente para a construção e a desconstrução do social. Em razão do enfoque adotado, o La Ursa pode ser analisado por diferentes perspectivas, campos de conhecimentos e estudos, como na perspectiva da Cultura Visual.

É um folguedo urbano, cuja personagem principal é a figura de um “urso”, encontrado em ruas, semáforos, praças e avenidas de bairros periféricos de algumas capitais e municípios da Região Nordeste brasileira. Eles se apresentam às vésperas dos festejos carnavalescos e durante. Geralmente, saem acompanhado por uma batucada improvisada, construída com instrumentos manufaturados, tendo como matéria-prima latas, baldes

plásticos, sobras de madeira, ferro, metais, garrafas, entre outros materiais que emitam sonoridade estridente.

Na vestimenta do urso, na máscara e nos demais artefatos que compõem as fantasias dos demais componentes, também se utiliza o processo artesanal da manufatura para a confecção do figurino. Muitos usam sacos plásticos, de nylon ou de estopa, além de roupas velhas e papel machê, para compor os acessórios do personagem principal: o Urso. Ressalte-se, no entanto, que, atualmente, muitos desses folguedos, principalmente os que concorrem no circuito oficial do Carnaval Tradição, já utilizam instrumentos musicais profissionais industrializados. A confecção das vestimentas de seus componentes pode ser terceirizada, até mesmo a máscara, apesar de alguns ainda optarem pela forma artesanal da manufatura.

As visualidades dessa folgança são evidenciadas no conjunto de ações e plasticidades desenvolvidas nos movimentos executados. Proporcionam variadas leituras e interpretações sobre as inter-relações que acontecem na folgança com o público e o contexto sociocultural historicamente construído. Sobressaem-se, nesse espetáculo, a configuração visual, os detalhes das fantasias, o desempenho coreográfico e as pantomimas do personagem ao explorar conotações jocosas por meio de gestos e palavras de duplo sentido. Isso pode ser observado nas intervenções executadas em locais públicos, no ritmo pulsante explorado em seus instrumentos e na relação de interatividade que desempenha a cada abordagem em que envolve o público.

As peripécias transgressoras do folguedo La Ursa podem ser identificadas nas atitudes dos brincantes, quando recorrem a locais públicos ou privados para desenvolver seu espetáculo sem autorização prévia. Algumas vezes, são detectadas conotações sexuais e gestuais usadas frequentemente nas performances do “Urso” que vão de encontro aos padrões estabelecidos pela sociedade. Em várias circunstâncias, usam um vocabulário “vulgar”, contido em frases irreverentes. Em outros casos, também é possível perceber alguns usos de gestos “obscenos” praticados com as mãos para provocar ou revidar algum infortúnio surgido durante a apresentação. Tudo isso pode ocorrer durante a interação com o público, dependendo da forma de abordagem do Urso e da reação da pessoa.

No primeiro capítulo, analisamos o carnaval brasileiro e o folguedo La Ursa. Evidencia a importância das festividades carnavalescas no país, como um rito de celebração nacional que envolve toda a nação, constrói e desconstrói, socialmente, valores que afetam toda a sociedade. Nele, fazemos um breve apanhado sobre as origens dessa celebração e a relação que exerce na sociedade.

Num segundo momento, abordamos a questão do folguedo La Ursa como uma celebração da desconstrução social, enfatizando as peripécias dessa folgança ao intervir no contexto social urbano das festividades carnavalescas. A ênfase reside nas visualidades e em algumas frases irreverentes que denotam um conceito de valor e significado cultural. Tratamos, ainda, da relação de proximidade desse folguedo com a rua, com as calçadas, as praças e outros locais públicos para coexistir na sociedade durante os festejos de Momo.

Em seguida, procedemos a um apanhado sobre a atuação de folguedos La Ursa em João Pessoa, no Carnaval Tradição, um concurso que reúne desfiles de diversas modalidades carnavalescas, entre as quais, os folguedos La Ursa. Durante esse evento, as apresentações realizam uma espécie de *show business*, concorrendo entre si e trazendo a público novas influências estéticas e midiáticas agregadas a esse entretenimento.

Figura 3- Imagem do Carnaval Tradição de João Pessoa - PB



Fonte – Imagens gentilmente cedidas por ManodeCarvalho

No segundo capítulo, discutimos sobre a abordagem metodológica adotada para realizar a pesquisa, identificamos o folgado La Ursa, expondo os conceitos e as variações performáticas relevantes de situações que podem ser estudadas, visando compreender como e por que esses fenômenos são desenvolvidos, representados e como se processam as práticas relacionadas a esses folgados.

No terceiro capítulo, analisamos os dados coletados a respeito dos grupos estudados “Macaco Louco do Rangel” e “Urso Amigo Batucada”, ambos do Bairro Rangel, da cidade de João Pessoa – PB, e destacamos suas visualidades e peripécias transgressoras.

2

## O CARNAVAL BRASILEIRO E O FOLGUEDO LA URSA

**Figura 4** - La Ursa no centro da cidade - João Pessoa- PB



Fonte: Imagem gentilmente cedida por ManodeCarvalho (2013)

Pensar no Carnaval é observar o ser humano explorando seus impulsos mais íntimos, críticos e audaciosos. É lidar com ambiguidades, religiosidades e prazeres e adentrar caminhos comuns e imprevisíveis. É se deixar guiar pelo ritmo, pela alegria, pelo êxtase, pelo corpo, por valores que não são unicamente brasileiros, mas também de uma versão cristã. São valores, tradições e possibilidades que coexistem em um tempo e espaço determinados para iniciar e terminar os festejos carnavalescos.

Inicialmente, promovido para atender às celebrações mais antigas da humanidade, o Carnaval envolve uma íntima ligação entre o sagrado e o profano. Segundo artigo de Liliana Correia<sup>2</sup>, cujo o título é “Carnaval história e origem”, a palavra carnaval sugere possibilidades e interpretações diferentes. Origina-se do vocábulo latino “Carrum Navalis”, que eram os carros navais que faziam a abertura das Dionísias Gregas, nos Séculos VII e VI a.C., e outra de origem cristã, decretada por Gregório I, 590 d.C., ao transferir o início da Quaresma para a quarta-feira, antes do sexto domingo que antecede a Pascoa, dando o nome de “Carne Levamen”, que significa tirar a carne. A autora também não encontrou consenso quanto à festividade, tendo em vista que há historiadores que consideram a história do carnaval dividida em quatro períodos: “o originário, de 4000 a.C. ao Século VII d.C.; o Pagão, do Século VII ao Século VI d.C.; o Cristão, do Século VI d.C. ao Século XVIII d.C.; e o Contemporâneo, do Século XVII até o momento”.

Para Carlos Sebe (1986), é uma festa que encontra respaldo em explicações mitológicas, como o culto a Isis e a Osíris, considerados como protetores da natureza. Segundo esse mito, os mortais se juntavam para agradecer por uma sequência de fenômenos que renovam periodicamente a vida, por meio de cerimônia realizada no período dos plantios ou das colheitas, iniciando uma nova era no ciclo anual. Dessa forma, segundo as tradições egípcias, os humanos deveriam festejar intensamente esse momento, para que as sementes crescessem, e os frutos fossem bons. O autor refere que esse mito - o renascimento da natureza - ocorria porque

---

<sup>2</sup> Site:

<http://www.pqjournal.com/index.php?option=com.content&view=article&id=183:carnavalhistoriaeorigem&catid=4reportagem&itemid=13>

Ísis tornava-se mais provocante e sedutora. Osíris, seu parceiro conquistado, teria direito de gozar, temporariamente, todos os prazeres presumíveis. Depois de saciado no mais íntimo de seus desejos, Ísis sacrificaria seu amante para que cessasse a turbulência dos dias de prazer. Todos os anos a mesma história deveria se repetir, segundo ritmo da natureza.

O mesmo autor nos mostra que, na Grécia e na Roma antiga, os bacanais, os lupercais e as saturnais, que foram uma espécie de variação das festas carnavalescas, aconteciam e deixavam transparecer o culto aos prazeres. Era uma forma de permitir a alteração da ordem que marcava a rotina, com celebrações que abrigavam a extroversão e a permissividade. Nelas se evocavam as primeiras manifestações do carnaval ligadas à bebida, à comida, à dança, à música e à liberação sexual, elementos que também se combinaram com os contextos da tradição mitológica ocidental, comunicando e estabelecendo ligações entre a gestação das sementes e a morte de um Rei, ou Deus – Apolo e Dionísio – que, depois de experimentar todos os prazeres, morreria ou sumiria abrindo a fase de resignação, recolhimento, mortificação e ordem, uma época de cinzas. Essas manifestações culturais se perpetuaram de diferentes maneiras e em diversos continentes. Desde a antiguidade clássica, vêm incorporando novos elementos a seu contexto, transformando-se e se expandindo. Em 1091, ao ser oficializada pela Igreja católica, a data da Quaresma regularizou o período da celebração carnavalesca, segundo artigo de Rainer Souza<sup>3</sup>.

Na Idade Média, os jogos e os disfarces predominaram em Roma, nos festejos de carnaval. Faziam parte do rito carnavalesco da época o desfile em carros alegóricos, as corridas de cavalo e a briga de confetes. No Século XV, o Papa Paulo II introduziu o baile de máscaras, que ganhou força e tradição no século seguinte por causa da *Commédia dell'Arte*. Veneza e Florença passaram a ser as cidades mais conhecidas na produção e na confecção de máscaras carnavalescas, utilizadas como símbolo de sedução pelas damas da nobreza no Século XVII. Na França, os atores da companhia italiana de *Commédia del'Arte* inseriram os personagens Pierrô, Arlequim e Colombina no contexto carnavalesco.

---

<sup>3</sup> Site: <http://www.mundoeducacao.com/carnaval/as-origens-carnaval.htm>.

Na Europa, as comemorações carnavalescas também eram conhecidas como entrudo, palavra derivada do latim que significa Inácio. Esse ritual, aos poucos, foi se tornando violentos em Portugal, nos Séculos XVII e XVIII, e passaram a se assemelhar a uma pequena batalha, com pessoas alvejando umas as outras das sacadas de janelas, nas ruas, utilizando água suja, ovos podres, laranjas ou restos de comida. Em geral, aproveitam a festa para a prática de abusos e atrocidades, como aponta o artigo de Monique Cardoso<sup>4</sup>.

No Brasil, os primeiros registros da chegada do carnaval foram por volta de 1723. Introduzida pelos colonizadores europeus no país, essa festa ocorria por meio de desfiles de pessoas fantasiadas e mascaradas. Somente no Século XIX foi que os blocos carnavalescos surgiram com carros decorados e pessoas fantasiadas de forma semelhante à de hoje, como mostra artigo publicado por Gabriela Cabral<sup>5</sup>.

Atualmente, no país, o carnaval é uma festa que ocorre simultaneamente durante três dias em todos os Estados da Federação. É uma das maiores comemorações da cultura nacional e que acontece todos os anos. É uma festa rica em diversidade étnica, estética, de gênero musical, exuberância e entretenimento. Mobiliza milhões de pessoas, envolve todos os seguimentos sociais e possibilita, durante sua realização, um espetáculo único. Observa-se uma grande variedade de dramatização dos valores globais, críticos e abrangentes de nossa sociedade.

Durante o carnaval, a sociedade é envolvida nesse ritual de celebração nacional. A população suspende ou muda radicalmente suas atividades, dispensa os afazeres cotidianos e permanece orientada para o evento nessa ocasião. Esses dias de festa, considerados como feriados nacionais, estabelecem uma ordem nacional abrangente, que ajuda a construir e a cristalizar uma identidade nacional. Essa identidade e sua relação com o carnaval é refletida e reforçada pela sociedade todos os anos. Com característica própria e diversificada, a festa acontece em cada região. É divulgada e enfatizada nos meios de comunicação com músicas, ritmos e

---

<sup>4</sup> <http://www.arelíquia.com.br/artigos%20anteriores/57histcarn.htm>.

<sup>5</sup> Site: [www.brasilecola.com/carnaval](http://www.brasilecola.com/carnaval)

visualidades. Conta com uma infraestrutura que dispõe de informação midiática sobre os roteiros do percurso dos desfiles carnavalescos, serviços de assistência dos órgãos de segurança pública e assistência médica. Além dessa difusão midiática de massa, no carnaval existe também um trabalho extraoficial que os foliões desenvolvem às vésperas do evento, divulgando-o no entorno de suas comunidades e anunciando o seu tempo.

Essa festa é um acontecimento marcado pelo relacionamento entre o sagrado e o profano, a morte e ressurreição, prazer e renúncia, tendo um sentido universalista e transcendente. Abrange categorias como pecado, sexo, libido e libertinagem. É um tempo de licença e de abuso que vai além dos valores sociais definidos pelo sistema, remetendo os participantes do ritual para fora e além do contexto brasileiro. Segundo Roberto DaMatta (1997, p.47),

são acontecimentos extraordinários não previstos pelas normas ou regras sociais, construído pela e para a sociedade, marcados pela imprevisibilidade, ou seja, não controlados pela sociedade, onde toda sociedade é afetada por igual, independente de sua posição na estrutura do poder.

O carnaval acontece nos locais públicos: nas ruas, nas praças, na orla marítima, nas avenidas e, geralmente, no centro das cidades brasileiras. É explorado também nos espaços privados, como clubes, “quadras” e, atualmente, até mesmo por instituições religiosas. Durante esse tempo, a festa torna a “existência” menos desumana e impessoal e promove encontros para a população. É uma festa aberta e presente em todo o país, em que a regra é “não ter regra”. É um convite consentido para transgredir as normas do sistema social vigente durante sua realização.

Considerado a “festa da carne”, o carnaval reúne pessoas de todas as camadas sociais, desde as mais altas até as mais baixas financeiramente, incluindo as marginalizadas socialmente. Essa constatação faz com que se reconheça o seu caráter de grupo aberto e movido por múltiplas relações sociais e princípios ordenadores e desordenadores. O carnaval tem um caráter único, capaz de agrupar, por alguns instantes e em um mesmo lugar, pessoas diferentes economicamente, celebridades e anônimos, estrangeiros e nativos. É uma festividade que promove uma visualidade, musicalidade e teatralidade

que tornam visível a transmutação de sujeitos a partir da vivência de uma liberdade temporária.

Segundo Roberto DaMatta (1997, p.59), o carnaval reúne um pouco de tudo:

a diversidade na uniformidade, homogeneidade na diferença, o pecado no ciclo cósmico e religioso, a aristocracia de costume na pobreza real dos atores – ele remete a vários sub-universos simbólicos da sociedade brasileira, podendo ser chamado de polissêmico.

O carnaval brasileiro é considerado uma celebração polissêmica porque provoca uma “desconstrução do social” na medida em que seus personagens “não estão relacionados entre si por meio de um eixo hierárquico, mas por simpatia e por um entendimento vindo da trégua que suspende as regras sociais do mundo da plausibilidade: o universo do cotidiano” (ROBERTO DAMATTA, 1997, p. 63). Esse autor põe em evidência o mundo da periferia, do passado, do presente, que faz fronteira com a sociedade, produzindo o ilícito e algo provisoriamente fora do sistema.

Nesse ponto, as fantasias dos foliões exercem grande importância, pois representam um desejo oculto, uma “armadura”, um “personagem” que pode sintetizar e explicitar o papel do fantasiado. Em algumas vezes, representa-se o que não se gostaria de desempenhar, construindo uma visão conflituosa entre o que se deseja e o que é imposto pelos outros.

O carnaval faz com que campos antagônicos e contraditórios convivam no mesmo espaço social de encontros, de mediação e de polissemia. Assim, os costumes carnavalescos fazem parte de um campo social aberto e situado fora da hierarquia, em que há espaço para uma diversidade de valores, categorias e grupos. Nos ritos carnavalescos, encontrados em todos os estados do Brasil, o elemento mediador entre as classes sociais é a alegria, a festa, o canto, a liberdade de expressão, a capacidade de brincar, de se fantasiar, de dançar, de se expor, não só o poder e a riqueza.

Durante os festejos carnavalescos, é comum encontrar em locais públicos e privados uma grande diversificação cultural presente nessas comemorações. Cada estado e cidade têm um referencial cultural próprio, em termos de música, tradições e costumes específicos, que se sobressaem e evidenciam suas expressões regionais. Para Mikhail Bakhtin (2002, p. 8),

as festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da sociedade e do homem. A morte e a ressurreição, a alternância e renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa. São precisamente, esses momentos nas formas concretas das diferentes festas que criaram o clima típico da festa.

No caso da Região Nordeste, a ênfase reside mais nos desfiles das orquestras de frevo, dos trios elétricos, das “tribos indígenas para folclore”, maracatus, caboclinhos, brincadeiras de mela-mela, batucadas, como também nos “Blocos de Sujo”. Nas batucadas, crianças, jovens e adultos saem conduzidos, brincando com um som tocado, seja eletrônico ou acústico ao vivo. No carnaval do Nordeste, é comum encontramos as tradicionais marchinhas carnavalescas e os desfiles das escolas de samba. Essa variedade rítmica e visual do evento tem um imenso poder de sedução e atrai pessoas de vários estados do Brasil e de outros países. A rica plasticidade de seus personagens, exposta na forma de bonecos gigantes, máscaras e fantasias, enfoca temas ligados às personalidades famosas, a fatos políticos relevantes difundidos pela mídia no contexto nacional e no internacional. O carnaval enfatiza também a sensualidade, a irreverência e a sexualidade, associadas à impessoalidade, como é o caso do La Ursa.

A impessoalidade do carnaval brasileiro transita entre o consentido e o contraditório. Essas mudanças de postura servem para burlar as regras do sistema, e isso resulta na inversão de papéis, seja no gênero, na sexualidade, na riqueza de adereços dos personagens e nas alegorias, ou reinventando para a sociedade outras leituras de fatos do dia a dia, relevantes ou não, que, ao transitar no contexto desse rito festivo, promovem uma “desconstrução do social” no cotidiano.

Nesse sentido, Roberto DaMatta (2012) enuncia:

Só existe Carnaval onde há desejo de ver o mundo de cabeça para baixo. A permissividade planejada e permitida é, no fundo, uma licença “legal”(conforme taxamos tudo no Brasil) para abandonar, por um curto período de tempo, as hierarquias e os tabus de um sistema altamente repressivo. Tão profundamente aristocrático e desigual que seus membros precisam de um ritual permissivo. [...] o Carnaval apresenta aos seus celebrantes uma verdade alternativa: aproveite

enquanto pode; é hoje só, amanhã não tem mais... E ao lado dessa mensagem, deixa que o pobre vire divindade, reduzindo o patrão ao papel de espectador de seus empregados.

## 2.1 O FOLGUEDO LA URSA COMO DESCONSTRUÇÃO DO SOCIAL

Quem brinca as festividades do carnaval da Região Nordeste do Brasil, em estados como Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, entre outros, tem grandes possibilidades de se deparar com grupos de La Ursa. São grupos que se apresentam festivamente, pedindo dinheiro em alguma rua ou semáforo da cidade, no período que antecede os festejos carnavalescos e durante as comemorações dos festejos carnavalescos. O La Ursa é considerado um referencial dos folguedos populares nordestinos e brasileiros.

Segundo Katarina Real (1967, p.113), a origem do “Urso”, ou seja, a relação entre o homem e o animal, está ligada à importante herança cultural, que imprimiu uma das primeiras formas de expressividade humana. Surge na Idade da Pedra, há dez mil anos antes de Cristo, como culto místico ao urso, realizado por caçadores primitivos. É considerada uma das primeiras manifestações religiosas da Europa, reforçada pela arqueologia através de imagens encontradas nos tetos e nas paredes de cavernas. No entanto, a autora aponta a existência de farta documentação e desenhos dos Séculos XI até XV, demonstrando que foi a partir da Idade Média que se encontrou o ancestral mais próximo do urso pernambucano, ao ser exposto como entretenimento por menestréis e palhaços nas feiras, nos festivais e nas aldeias europeias.

Este estudo sugere que o La Ursa chegou ao Brasil e à Região Nordeste durante o período colonial, trazido pelos italianos para os engenhos de cana de açúcar e circos. Supõe que o aparecimento desse folguedo na cultura do país pode ter ocorrido por meio de um processo de fusão de culturas europeias com as tradições culturais do Nordeste brasileiro, como o Bumba meu Boi, o Cavalo Marinho e o Reisado. Alimenta-se a ideia, entre outras, de que a união desses festejos pode ter dado origem a essa folgança<sup>6</sup>. Fontes como o Dicionário do Folclore Brasileiro, de Luís Câmara Cascudo, menciona a figura do urso

---

<sup>6</sup> Folgança significa folguedo, folia, brincadeira, farra, folguedo, gaudério, pândega e reinação (Dicionário on line de português, <http://www.dicio.com.br/folganca/>).

associando-o a uma credence popular, na qual se acredita que “sonhar com urso é sonhar com morte” (2012, p.629).

A chegada da La Ursa a João Pessoa, capital paraibana, segundo a versão de Wills Leal (2000), pode estar associada a alguns fatos históricos ligados à política e ao desenvolvimento social do Estado, no início do Século XX, quando vieram novos meios de entretenimento, como circos e companhias de teatro, apresentando atrações como a “La Ursa vinda da África”. Como ressalta o autor,

[...] começou a surgir um tipo novo de gaiato. Era o Urso, normalmente acompanhado de um conjunto de pau-de-corda, com roupas de estopa e muita gritaria. O bicho aos berros, anunciava: ‘Viemos da África/ Para o Brasil/ trouxemos um Urso/ Para Divertir’; e a zorra era geral. De casa em casa, com uma cuia (de queijo do Reino), pedindo apoio para o Urso, ou um traguinho para os carnavalescos (p.35).

Assim, em vista dos relatos de Wills Leal, acreditamos que os entretenimentos citados foram os responsáveis pela difusão desse personagem na capital da Paraíba, incorporando-se às manifestações carnavalescas da cidade. Desde então, todos os anos, essa brincadeira absorve um crescente número de pessoas que trabalham na construção e na produção das visualidades desse folguedo. Tornou-se parte das tradições e das manifestações culturais carnavalescas de rua dessa cidade.

A La Ursa desempenha um importante papel social. Ela potencializa a realização de ações educativas informais para crianças e adolescentes, o que inclui o ensino e a aprendizagem informais no campo das artes visuais. A utilização do entretenimento nesse folguedo pode ser vista como uma forma de promover a inclusão temporária desse público, por meio da valorização e da difusão dos costumes e das tradições carnavalescas da cultura local.<sup>i</sup>

É evidente a notoriedade das visualidades do La Ursa, seja por meio de suas performances e coreografias, seja pela construção dos artefatos utilizados para confeccionar os instrumentos musicais e pelos elementos estéticos que compõem o folguedo.

Também podemos observar que tal folgança é uma manifestação cultural que transgredir as normas estabelecidas na sociedade, haja vista que a maioria dos componentes não usa um local específico para realizar a

brincadeira. Nos grupos espontâneos de La Ursa, as apresentações acontecem de maneira informal, em qualquer hora e lugar, e as falas do folguedo, impetradas pela brincadeira com o espectador, instigam-no a assumir posicionamento na folgança, que pode ser: o de colaborar e ser considerado gente boa, ou ser taxado pela sociedade de “pirangueiro”, por não colaborar com o urso. Essa interação social feita com sagacidade e maestria demonstra uma das formas de irreverência social e malandragem desse folguedo para interagir com o público.

Essa peculiaridade performática do folguedo é chamada neste trabalho de peripécias transgressoras - um conjunto de visualidades e performances irreverentes que, tradicionalmente, estão impelidas do desejo de transgredir as normas sociais com a intenção de gerar susto, prazer e alguns dividendos financeiros, especialmente para adolescentes que pertencem a camadas sociais de menor poder aquisitivo.

**Figura 5 -** La Ursa do Bairro Rangel - João Pessoa –PB/



Fonte: Arquivo pessoal

O que é o La Ursa? É um espetáculo performático urbano, em que pessoas se juntam, formam um grupo de entretenimento e saem às ruas todos os anos, às vésperas e durante os festejos carnavalescos. Representados pela figura de um urso “indomável” e brincalhão, esses grupos são acompanhados por uma batucada, embalada por um ritmo pulsante, que move o desfile pelas ruas, pelas calçadas, pelos semáforos, pelas praças e pelas avenidas e em todo o espaço disponível, público ou privado, oferecendo diversão às pessoas em busca de alguns “trocados”. Utilizam, algumas vezes, refrão como “La Ursa quer dinheiro, quem não der é piranguero...”.

O produto que o La Ursa vende é o entretenimento. Usa a dança, as brincadeiras e tira proveito para zombar, tripudiar, alegrar, provocar, meter medo e extrair qualquer tipo de reação das pessoas encontradas pelo caminho, provocando-as para se divertir.

Um acessório característico desse personagem é uma cuia<sup>7</sup>, que o “urso” carrega em uma das mãos para pedir e receber dinheiro “doado” ou “apurado” dos transeuntes que encontra e aborda em seu trajeto e instiga-os a colaborarem com a brincadeira.

No La Ursa, a intervenção performática é executada geralmente pelo urso, mas também pode se estender ao grupo que o acompanha. Eles utilizam o corpo e os instrumentos para executar algumas coreografias, com movimentos estilizados e sincronizados que produzem efeitos estéticos interessantes e criativos, que destacam, ainda mais, os movimentos do urso. A fantasia que ele usa produz efeitos que atraem e despertam a atenção e a curiosidade dos transeuntes, proporcionando uma interação com o público presente, seja brincando, provocando com gestos, ora agressivos, ora meigos, dançando e fazendo manobras rítmicas em sincronia com o som da batucada.

A construção de um La Ursa, geralmente, não requer muitos custos, ao contrário da montagem de outros espetáculos artísticos que dispõem de uma produção na infraestrutura midiática, patrocínio, roteiro e marketing. O La Ursa é um espetáculo espontâneo e informal, que pode ser construído por pessoas de qualquer poder aquisitivo, grau instrução ou classe social. A feitura e a realização do folguedo são feitas de forma improvisada. Os grupos de La Ursa,

---

<sup>7</sup> Cuia: objeto côncavo de forma arredondada, utilizado por grupos de La Ursa para pedir dinheiro. (Nota do autor)

geralmente, ocupam ruas, praças e as calçadas como seus locais de encontro, onde se reúnem e começam a definir gradativamente a construção e a montagem do espetáculo. Nesse caso, temos a rua, as calçadas e as praças que exercem o papel do escritório, do teatro e da oficina, o que promove a integração de pessoas ao ambiente de trabalho e, ao mesmo tempo, de pesquisa, de reunião, haja vista que estar na rua é estar sujeito às regras da sobrevivência, “desprotegido” em relação a estar em “casa”, ou num “escritório”. Assim, nesse ambiente da rua, onde tudo acontece e pode acontecer, ocorrem os encontros, as conversas, as ideias e a definição dos personagens do La Ursa. A rua também é o lugar onde se procuram e se encontram os materiais que servirão de instrumentos musicais e os da fantasia que comporão a alegoria do urso e que revelarão a hierarquia de poder decisivo do grupo.

Essas relações de hierarquia, de poder de decisão, de integração coletiva e de entretenimento que a rua proporciona ao folguedo são alguns dos diferenciais marcantes no processo de desconstrução social. É um processo no qual a brincadeira burla o sistema social capitalista para coexistir e faz suas regras para subsistir às margens do poder público. É possível observar que, atualmente, considerável parte dos integrantes do grupo são produtos sociais da rua. Fazem parte da camada social “semi-invisível” da sociedade, aquela que pouco tem ou não tem acesso às boas escolas, a um plano de saúde, a casa própria e acesso limitado a bens de consumo. A rua, então, passa a assumir um papel de extensão de seu quintal, suprindo as necessidades de ambiente físico e de gestão material e imaterial da La Ursa.

**Figura 6-** La Ursa no centro da cidade - João Pessoa - PB



Fonte: Imagem gentilmente cedida por Flávia Correia

Outro fato relevante que faz com que o La Ursa resista e se adapte às mudanças econômicas e sociais para existir como grupo alternativo é a utilização dos conhecimentos informais, construídos a partir de suas experiências cotidianas adquiridas na “rua”. Esses saberes, obtidos à margem do ambiente escolar, são incorporados e exercidos na construção do personagem e na elaboração do folgado. É a sagacidade da malandragem aprendida na rua, a ginga, a alegria, a irreverência de se exibir e de interagir com o público. É uma possibilidade de transpor barreiras sociais, de respeitar os limites de hierarquia dentro do grupo, que se caracteriza, também, no desenvolvimento e no conhecimento das práticas utilizadas para confeccionar os objetos de forma artesanal. Utiliza uma diversidade de materiais disponíveis, sejam de natureza industrial ou manufaturada, mas cujo destino final é a montagem do La Ursa.

Assim, no refrão “La Ursa quer dinheiro, quem não der é piranguero”, o folgado desenvolve toda uma política utilizando um jogo de palavras e valores sociais para alcançar esse fim, que tem início e é definido na sede de seu “escritório”, que é a “rua”. Como já referimos, é uma relação que a “rua” exerce com a “casa”, com o seu “lugar”, com o seu “território” e com a sua referência, tecendo leis, hierarquias e espetáculo.

Para ter acesso ao dinheiro, o participante de um grupo de La Ursa espontâneo dança, brinca, produz som, participa da confecção das fantasias e dos instrumentos do grupo e se exhibe, provoca a coletividade, o sistema e a ordem social vigente e transgride valores. Isso se revela, por exemplo, na utilização de um refrão que provoca, induz e afeta diretamente o seu público a ter posicionamentos, já que a figura do pirangueiro remete a uma falta de caráter, de valor social, ao desprezível e ao ridículo. Quem não dá dinheiro ao urso corre o risco de ser associado a esses valores negativos. Assim, ser associado em público à imagem de um pirangueiro é, como nos mostra o dicionário informal,<sup>8</sup> relacionar a pessoa a uma imagem negativa, “mesquinha”, “mão de vaca”, “amarrada”, que se nega a colaborar com o urso, a fazer parte do rito carnavalesco, a não participar, de alguma maneira, desse tipo de celebração.

Para ganhar dinheiro, o La Ursa pode utilizar como artifício estratégico a provocação, através de gestos obscenos que chamem a atenção de quem passa ou de palavras pejorativas que relacionem ou não a figura do transeunte a um pirangueiro. Quando recebem algum dinheiro, enaltecem o colaborador, relacionando a pessoa a uma boa índole e a uma boa imagem. Agradecem o valor recebido, enfatizando o refrão: “esse ai é gente boa!, esse ai é gente boa!!” depois de receber a colaboração.

Essa segunda frase relaciona a figura do colaborador ao status de pessoa bem quista, que merece respeito social. É uma forma de coerção verbal que, por meio da doação de uma gorjeta ao folguedo, recebe-se a admiração e a homenagem de todos os integrantes. A pessoa que colabora financeiramente é agraciada, adquire o respeito e a admiração do grupo e do La Ursa, de quem todos gostam e a quem respeitam.

Essa outra interpretação do colaborador do La Ursa também pode se relacionar com aquelas pessoas que valorizam o folguedo e a cultura, ou com alguém que reconhece o esforço dos componentes da brincadeira para ir até às ruas, ou simplesmente, a de uma pessoa que não gosta do carnaval, da “desordem” e, para se livrar dessa situação, colabora financeiramente com alguma gorjeta para o “Urso”. Isso pode ser remetido a eventuais trocas de

---

<sup>8</sup> Página eletrônica <http://www.dicionarioinformal.com.br/pirangueiro/>

dávivas, como parte do processo ritual do folguedo, uma vez que assumem múltiplas formas e conteúdos, isto é, “elas criam uma relação e, ao mesmo tempo, sacramentam uma distância entre parceiros [...] podendo ainda relacionar, ao contrário da evitação, as relações jocosas entre afins” (MARCEL, 1974, p.70). Para o autor, a dádiva é definida de modo amplo e inclui não só presentes, mas também visitas, festas, comunhões, esmolas, heranças, entre outras, que podem ser “totais” ou “agonísticas”, em que se postula um entendimento da constituição da vida social por um constante ato de dar e receber.

No caso do “La Ursa”, o ato de ‘dar e receber’ “implica não só uma troca material, mas também espiritual, uma comunicação entre almas. É nesse sentido que é uma sociologia do símbolo, da comunicação”, como refere Marcel Mauss (2000, p. 176), pois o ato de dar não é um ato desinteressado. A dádiva é um ato de troca simultaneamente espontâneo e obrigatório para a circulação de valores como um momento do estabelecimento do contrato social, em que, “ao dar, dou sempre algo de mim mesmo. Ao aceitar, o recebedor aceita algo do doador”.

## 2.2 O FOLGUEDO LA URSA EM JOÃO PESSOA/PB

Em João Pessoa, capital da Paraíba, existe um considerável número de grupos de La Ursas, que vêm se multiplicando todos os anos. Um dos motivos que contribuiu para esse aumento foi a organização de vários desses grupos para criar a Federação de La Ursas. A oficialização e a participação dessa categoria no concurso do Carnaval Tradição da cidade trouxeram um reconhecimento e um estímulo à permanência e ao surgimento de novos grupos de ursos para brincar o folguedo.

O Carnaval Tradição é um dos eventos carnavalescos importantes que compõem o calendário oficial da capital. É nesse momento em que acontece o concurso no qual as La Ursas participam dos desfiles, junto com outras categorias de entretenimento, como blocos de orquestra de frevo, tribos indígenas folclóricas e escolas de samba.

Esses desfiles acontecem todos os anos, no centro da cidade, na Avenida Duarte da Silveira, na capital paraibana. Durante três dias e no período da noite do carnaval, a partir das 18h, são realizadas as etapas desse concurso, com as agremiações concorrendo à classificação e à premiação a um dos três primeiros lugares, disputados por cada categoria, com base em critérios como: desempenho na avenida, criatividade, plasticidade, coreografia, ritmo, tempo de duração, integração com a plateia, arranjos, fantasias, enredo, entre outros.

Nesse ritual de “celebração carnavalesca oficializada”, há uma demarcação de território entre os grupos que desfilam, incluindo a plateia e os jurados. Cada setor ocupa lugares de destaque, mas em situações opostas e dentro de uma “ordem social” pré-estabelecida pelos palanques, arquibancadas e “passarela ou avenida”, deixando bem evidente a relação de hierarquia entre todos os presentes. Dessa forma, o carnaval tradição se caracteriza como um espetáculo que restringe a participação do espectador, que pode apenas observar, aplaudir, torcer ou documentar o espetáculo. Uma cerca e as arquibancadas reforçam a separação e o papel desses personagens durante esse evento.

Uma das categorias participantes do concurso do Carnaval Tradição são os grupos de La Ursa profissionais, que contam com a publicação de editais disponibilizados pelo poder público, que financia, parcialmente, o custeio de recursos materiais desses grupos e as despesas com a produção do folgado. Isso colabora para que as visualidades dos grupos de La Ursas, participantes da premiação, passem a assumir um caráter competitivo. Os grupos constroem equipes formais que se profissionalizam para trabalhar na produção do folgado.

A participação no Carnaval Tradição de João Pessoa/PB tem influenciado a produção imagética do La Ursa, uma vez que esses grupos participam de disputas cada vez mais acirradas a cada ano. Apresentam ao público e aos jurados novos referenciais estéticos e sonoros e exploram a avenida progressivamente, as visualidades em adereços, cores, coreografias e palavras de ordem e temas sociais. Também incluem outros personagens e até estandartes na construção e no desenvolvimento do folgado.

**Figura 7** “La Ursa da terceira idade” - Apresentação no Carnaval Tradição em João Pessoa - PB



Fonte: Arquivo pessoal

A inclusão de novos elementos estéticos e sonoros no corpo desse folguedo produz um hibridismo visual e cultural. Nesse sentido, o folguedo não é visto somente como entretenimento, mas também como uma forma de resistência para se manterem vivos e serem inseridos em contextos sociais oficiais de eventos para grandes massas.

O impacto visual apresentado no La Ursa, com a implantação de mais elementos estéticos em sua composição, como estandarte, burrinhas<sup>9</sup>, pernas de pau, entre outras alegorias, traz para o grupo mais visibilidade e certa confusão conceitual. Nesse caso, o folguedo amplia seu potencial, inserindo mais coreografias na competição. Incrementam com vários elementos circenses no corpo do folguedo, ampliando a visibilidade de seus integrantes, da vestimenta padronizada. Durante esse evento e em outros, passam a assumir a categoria de espetáculo, de entretenimento, de um *show business*, adaptando sua “cuia” a um contrato formal de prestação de serviço impresso.

Ressalte-se, no entanto, que esse novo formato da imagem do folguedo modifica a maneira de compor e de conceber o La Ursa, porque o “Urso” assume o caráter dócil, brincalhão, adestrado, subserviente, de objeto de decoração ou bichinho carinhoso “fofo”, em detrimento de outras características

<sup>9</sup> Burrinhas: alegorias que têm a forma de um animal conhecido por “burro ou jumento”, construídas com pano, armação em arame, espuma e papel machê, dentro das quais uma pessoa desenvolve coreografias. São muito utilizadas no folguedo do “bumba meu boi”. (N.A)

culturais também marcantes desse bailado. A irreverência apresentada na abordagem do público na rua, no semáforo, que demonstra mais liberdade de expressão do personagem em seu modo de provocar e interagir com o público é modificada. Seus refrãos característicos são silenciados e dão lugar ao espetáculo percussivo e coreográfico que atenda ao novo contexto socioeconômico e político assumido na brincadeira e se adéque a ele. De certa maneira, essa alteração em alguns aspectos formais do folguedo faz parte de uma lógica de sobrevivência social e cultural que, segundo Marcos Ayala (1987, p. 52), dizem respeito às

práticas culturais populares como sobrevivência do passado no presente, pois independentemente de suas origens, mais remotas ou mais recentes, mais próximas ou mais distantes geograficamente, elas se reproduzem e atuam como parte de um processo histórico e social que lhes dá sentido no presente, que as transforma e faz com que ganhem novos significados.

Essas visualidades refletem uma visão geral e comum aos grupos de La Ursa, que atuam espontaneamente na cidade de João Pessoa/PB. Mostram que nosso olhar sobre eles não se limita à plasticidade estética e à sonoridade, mas ao conjunto de valores relacionados com o processo educacional que envolve modos de ver, sentir e agir produzidos pela interação entre o público e o conjunto imagético. É um modo de procurar entender essas práticas culturais, observando-as e analisando-as também pela ótica das ciências humanas e sociais, a partir do cotidiano compartilhado pela coexistência de quem as faz e por quem as vê.

Trata-se de investigar não só a atuação de La Ursa espontâneo, mas também a de grupo profissional que participa do circuito oficial no Carnaval Tradição. É necessário entender a relação estabelecida em cada caso, tanto pelo público em geral, quanto pela comunidade e pelos órgãos do poder público e os patrocinadores. A maioria dos demais grupos de La Ursa, principalmente os de periferia, segue utilizando a cuia e os refrãos. Sua plasticidade também é mais limitada, uma vez que não usam outros personagens, além do urso e da batucada, para compor as formas e as cores do visual de sua expressão estética.

**Figura 8** - La Ursa "Urso Panda" Bairro do Cristo - João Pessoa - PB



Fonte: Arquivo pessoal

Cada grupo de La Ursa, por não ser estilizado, pode apresentar ao público a figura do “Urso” com características diferenciadas. A imagem do personagem varia, pois também pode ter a forma de um macaco ou utilizar uma máscara de silicone que remeta a seriados estrangeiros de terror exibidos na televisão. As nomenclaturas de cada grupo de “Urso” também mudam segundo as convicções de seus integrantes - “Urso Panda” ou “Urso Negro”, “Urso Canibal”, “Macaco Louco”, “Urso Jamaica”, “Urso da Paz”, “Urso sem Lenço e sem Documento”, “As Mulheres do Negão”, entre outros.

**Figura 9** - La Ursa "As mulheres do Negão" - João Pessoa - PB



Fonte: Arquivo pessoal.

Em vista disso, podemos constatar que o La Ursa é um bailado ao vivo, sujeito a modificações em sua estrutura de acordo com interesses de seus integrantes. Atua de forma aberta, interagindo com o público, proporciona algum tipo de entretenimento, e a rejeição ao “Urso” parece não importar tanto, visto que o representa um “animal” que se insere e transita em esferas de todas as camadas sociais.

## **CAMINHOS E POSSIBILIDADES PARA PESQUISAR O LA URSA**

Neste capítulo, tecemos algumas considerações sobre os percursos investigativos que foram utilizados na construção desta pesquisa, a abordagem metodológica qualitativa do tipo etnográfica, entrevistas, observação participante e documentação fotográfica que serviram de base para nortear o trabalho.

### 3.1 PESQUISA QUALITATIVA

Poder investigar um grupo de adolescentes tão arredios, dispersos, provocativos e irônicos foi um dos desafios que nos fizeram optar pela pesquisa qualitativa. É uma alternativa que disponibiliza encaminhamentos relacionados a uma abordagem hermenêutica e proporciona um estudo mais aproximado da dinâmica de fenômenos humanos e sociais.

Entendemos as peripécias transgressoras do folguedo La Ursa como parte de um interacionismo simbólico, inserido em um contexto de pesquisa que viabiliza interpretações construídas e mediadas a partir da experiência humana, as quais podem ser entendidas como uma das variedades das interações dessa folgança. André (1995, p. 19) afirma que

o interacionismo simbólico assume como pressuposto que a experiência humana é mediada pela interpretação, a qual não se dá de forma autônoma mas à medida que o indivíduo interage com o outro. É por meio das interações sociais do indivíduo no seu ambiente de trabalho, de lazer, de família que vão sendo construídas as interpretações, os significados, ou a sua visão de realidade.

A pesquisa qualitativa remete à investigação de práticas relativamente diversificadas e múltiplas e dá um novo sentido aos problemas. Enfatiza a compreensão de significados, o pluralismo e o relativismo de objetos e das coisas. Autores como Denzin e Lincoln (2006, p. 17) explicitam princípios dessa abordagem com clareza, ao reconhecer que a pesquisa qualitativa

consiste em um conjunto de práticas materiais que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou

interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes conferem.

Nesse contexto, ao forçar e evidenciar o conhecimento de pontos de vista invisíveis, censurados ou simplesmente silenciados, a pesquisa qualitativa produz seus questionamentos centrados nos processos, nas estratégias e nas representações, para que o pesquisador possa observar diretamente como cada indivíduo, grupo ou instituição experimenta, concretamente, a realidade pesquisada.

Esta pesquisa, ao identificar no folgado La Ursa conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas quantitativamente, também observa questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais. Em razão disso, procura-se compreender como e por que esses fenômenos se desenvolvem, representam-se e como se dão as práticas relacionadas ao La Ursa. Para isso, a abordagem qualitativa de pesquisa nos instiga a optar pela metodologia do registro da visualidade, da entrevista, bem como da observação participante de dois grupos do La Ursa, considerando-os de fundamental importância para este estudo.

Com esse conjunto de ferramentas, podemos analisar, por meio da imagem, de anotações de campo, de gravação e de transcrição de narrativas e da observação *in loco*, diversos aspectos subjetivos do comportamento humano. Para tanto, é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para entender como e quais os sentidos que dão aos acontecimentos e às interações sociais que ocorrem em sua vida diária. Assim, o mundo do sujeito, suas experiências cotidianas e os significados atribuídos tornam-se os núcleos de atenção desses fenômenos. Em decorrência disso, “na visão dos fenomenólogos, é o sentido dado a essas experiências que constitui a realidade, ou seja, a realidade é ‘socialmente construída’” (BERGER e LUCKMANN, 1985).

A pesquisa qualitativa viabiliza uma perspectiva de diálogos com vários campos do conhecimento, sem privilegiar uma prática metodológica específica. Essas práticas caracterizam uma bricolagem de várias tarefas e informações que a investigação busca organizar e sistematizar, interpretando-as para transformá-las em narrativas que contam histórias de realidades cotidianas.

No caso do La Ursa, esta pesquisa tenta responder a estas indagações elencadas: o que leva essas pessoas, todos os anos, a fazerem e levarem às ruas o folguedo La Ursa? Como esses grupos de pessoas se encontram? Como definem suas estratégias de ação? Como constroem suas alegorias ou visualidades? Onde e como agem? Por que brincam? Qual o nível de escolaridade de seus componentes? Como elaboram suas coreografias? Como lidam com a divisão financeira de seu trabalho? Quais os dizeres que marcam sua especificidade? O que diferencia um grupo dos outros? Que relações mantêm com o poder público, com a cultura e com o bairro? A partir de que idade eles conheceram o La Ursa? Os conhecimentos formais da escola os ajudam e os apoiam na construção do folguedo? Que critérios usam para decidir quem será o urso? A família participa da construção do folguedo? Que critérios utilizam para escolher os materiais que compõem o folguedo? De que mais gostam no La Ursa? De que não gostam? O que consideram importante no La Ursa? Qual a opinião do grupo sobre a interferência do Ministério Público para proibir o La Ursa de sair e pedir dinheiro? Por quê? O que deve ser feito? Como veem a sociedade e como são vistos por ela? Que tipo de relação o folguedo La Ursa mantém com o sistema social? Que relação de saber e diálogo o sistema educacional formal desempenha para o desenvolvimento do folguedo na contemporaneidade? Como utilizar tais interpretações como narrativa para os estudos da cultura visual?

A riqueza cultural do folguedo La Ursa encontra consonância metodológica no trabalho com a pesquisa qualitativa, ao tentar compreender a complexidade dos fatos cotidianos para analisar os fenômenos a partir de referenciais teóricos em uma situação local. Essas representações culturais e seus significados suscitam, como ponto de partida, mais interpretações numa perspectiva teórico-metodológica pluralista, bem como a valorização de um olhar atento e detalhado que proporcione meios e estudos de formas pertinentes para se compreenderem as funções e os significados simbólicos por elas articulados.

A descrição e a análise que esta pesquisa desenvolveu, por meio dos dados coletados, foram baseadas em diversificadas interpretações e experiências vivenciadas pelos integrantes do folguedo La Ursa de uma

mesma localidade, sendo que o espontâneo só brinca na comunidade, enquanto o outro o profissional, além de brincar no Bairro do Rangel, vai além de seu território e apresenta-se também em eventos oficiais como o Carnaval Tradição, datas comemorativas, entre outros, no transcorrer de todo o ano. Os dados trabalhados em torno da visualidade, da sonoridade, da musicalidade, do discurso, da performance e da coreografia da folgança serão feitos a partir de estudos da cultura visual. Tal concepção significa ver a folgança além de meramente estética, em formas e cores, mas, sobretudo, a partir do seu discurso, da concepção e da realidade em que se insere, interpreta e problematiza.

O estudo do folguedo La Ursa, na perspectiva da Cultura Visual, leva em consideração a força simbólica que detém como fenômeno cultural e como essa experiência social desenvolvida adquire significado, apresentando-se como “a possibilidade de se organizar uma experiência de aprendizagem que gere novos posicionamentos, novas formas de compreensão e atuação” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 70).

### 3.2 ETAPAS DA PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa etnográfica foi a base da ação metodológica desta investigação, desenvolvida através de pontos centrais enfatizados, seguindo os seguintes critérios e procedimentos: 1) registro das imagens formais e das performances do folguedo, 2) entrevistas abertas, 3) observação participante.

Segundo Maria Elisa André (1995, p. 29), os procedimentos escolhidos levam em conta características importantes da pesquisa etnográfica, como

a ênfase no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou nos resultados finais [...] é a preocupação com que as pessoas vêem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. [...] aproximar-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles contato direto e prolongado [...] a descrição e a indução. O pesquisador faz uso de uma grande quantidade de dados descritivos: situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos, que são por ele reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais.

A primeira etapa das entrevistas foi realizada no período de janeiro a fevereiro de 2013. Para isso, foi elaborado um planejamento prévio das sucessivas ações. Contamos com a colaboração de um funcionário do

Departamento de Documentação da UFPB, devidamente equipado com aparelhos de gravação digital de imagem e de som. Também foram utilizados outros equipamentos de uso pessoal, como: câmera digital semiprofissional, gravador de áudio analógico e caderno de anotações, os quais foram usados na “pesquisa de campo”.

A primeira ação para coletar os dados da pesquisa foi divulgar para amigos e conhecidos que estava desenvolvendo uma investigação sobre o folguedo La Ursa. Pedimos a colaboração para ficarem atentos e avisarem sobre qualquer encontro com algum grupo desse folguedo. Também solicitamos que, se fosse possível, registrassem algumas imagens (fotos) e estabelecessem algum contato formal, por meio de telefone e endereço, repassando os acontecimentos. Nesse momento inicial, meu objetivo principal foi de conseguir um contato e poder acompanhar as primeiras atuações de grupos de La Ursa, às vésperas do período carnavalesco, e de me aproximar de algum para realizar uma entrevista com seus componentes.

Tal informação, fornecida por amigos e colaboradores, proporcionou contatos com diversos grupos de La Ursa, tanto da cidade de João Pessoa quanto de outros municípios vizinhos. Passou a ter acesso introdutório ao universo pessoal dessas folganças e constatamos uma grande variedade de formas de agir, vestir, tocar, dançar, pedir dinheiro, produzir alegorias e se inserir no contexto da social e político da sociedade.

### 3.3 VISUALIDADES DO FOLGUEDO LA URSA

No contexto desta pesquisa, considera-se a ação cultural que cada grupo do folguedo La Ursa desempenha, como uma dimensão estética e imagética de profunda importância para as manifestações culturais da cidade de João Pessoa. Podem ser vistos como formas de resistência social que produzem suas próprias motivações econômicas, políticas e sociais. Diferenciam-se um dos outros de acordo com seus interesses e formas de penetrar no sistema capitalista e de se inserir nele.

Participar do folguedo La Ursa é uma oportunidade para o indivíduo mostrar sua identidade lúdica, imaginativa, irreverente e provocadora. A cada

ano, essa força inventiva se revitaliza e gera novas imagens e recombinações que reúnem o velho e o novo, a tradição e a contemporaneidade. Isso evidencia o processo de confecção, uso e função da alegoria<sup>10</sup>, das performances do folguedo, do jogo de palavras e de suas visualidades para produzir construções sociais, materiais e simbólicas.

Assim, no contexto da folgança, a figura do “urso” assume diferentes posturas sociais, de acordo com a política e o discurso determinado pelo grupo no qual se inserem, e pode representar aspectos dóceis, provocativos, arredios, irreverentes, brincalhões, pedintes, libidinosos e desprezíveis, entre outras. Essas características singulares do entretenimento funcionam como o motor que impulsiona a brincadeira em que a máscara, a vestimenta, a composição rítmica e performática, bem como seu discurso evidenciam peculiaridades referente às condições socioeconômicas de seus componentes.

*Daw*, um dos dirigentes e integrantes do La Ursa “Urso Amigo Batucada”, é um brincante assíduo desse entretenimento. O grupo do qual ele faz parte acrescentou diversos personagens folclóricos e circenses ao elenco do La Ursa, como as alegorias de burrinhas (bonecos), de boi, pernas de pau, entre outras fantasias, compondo uma bricolagem<sup>11</sup>. É possível afirmar que ele transformou a apresentação do Urso em uma espécie de *show business*.

Essas ações trouxeram para o grupo mais destaque em sua plasticidade e proporciona mais visibilidade ao público e, de certa forma, uma confusão visual em vista do montante de personagens. Outros grupos de La Ursa do Bairro do Rangel e de outras comunidades periféricas constroem seus folguedos utilizando recursos improvisados, a partir de roupas velhas, sacos de estopa ou nylon, cortados em tiras e presas por costuras umas às outras, ou a uma calça e a uma camisa usada e cheia de buracos.

As máscaras são compradas em lojas ou produzidas com papelão, papel machê ou sacos plásticos, nos quais são feitos furos para os olhos, a boca e o nariz do personagem. O urso é segurado por um cordão (barbante).

---

<sup>10</sup> A alegoria é entendida como uma representação concreta de uma ideia abstrata. [...] significa, literalmente, “dizer o outro”. (Fonte: dicionário Aurélio)

<sup>11</sup> **Bricolagem** é um termo de origem francesa "*bricolage*", cujo significado se refere à execução de **pequenos trabalhos domésticos**, sem necessidade de recorrer aos serviços de um profissional. ( <http://www.significados.com.br/bricolagem/> )

As visualidades imagéticas de cada grupo, citadas anteriormente, acontecem a partir do contexto socioeconômico em que cada um deles está inserido. As visualidades construídas pelo ato de interagir com o público são mais amplas e envolvem formas de persuasão, performances, os meios utilizados, a maneira de ver e como é vista pelo público, pela comunidade, pela família e poder público, além das formas de agir, pensar e se expressar.

**Figura 10** La Ursa Macaco Louco - Rangel / João Pessoa - PB



Fonte: Arquivo pessoal

Os La Ursas usam uma variedade de recursos alternativos e materiais recicláveis para produzir sons: são latas, baldes plásticos, pedaços de madeira, de ferro e de cano, entre outros que emitam uma boa sonoridade. Da mesma maneira, também atuam na construção estética de sua plasticidade ao confeccionar seus adereços carnavalescos e fantasias a partir da reelaboração de materiais como sacos plásticos, fitas cassete e de vídeos, entre outros. É possível dizer que compõem e exploram novos meios de inserção social e formas de resistência, criados em referenciais estéticos, sonoros e econômicos próprios da brincadeira e de seu discurso. A Cultura Visual, como proposta educativa, fundamenta a compreensão teórica e crítica desse entretenimento ao estudar a correlação exercida nesse período com o cotidiano da comunidade e com o desenvolvimento de relações que ele proporciona aos

modos de ver, de agir, de sentir e de ser visto dessas pessoas envolvidas nesse contexto.

**Figura 11** La Ursa Macaco Louco - Rangel- João Pessoa - PB



Foto do autor: La Ursa do Rangel/ João Pessoa- fev/ 2013

O folguedo La Ursa é visto como uma oportunidade de investigação, repleta de imagens, situações e episódios nos quais as brincadeiras com as máscaras, a utilização dos artefatos sonoros, a irreverência e o entretenimento ocupam lugar de destaque nos festejos carnavalescos da capital da Paraíba.

Nesta pesquisa, compartilho do ponto de vista de Renato Ortiz (1994, p.8) de que “ser diferente não basta. É preciso mostrar que há identificação, visto que não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. As questões que movem este estudo se entrecruzam e, além de causar inquietações, criam expectativas para ajudar a compreender a complexa teia de significados que se constrói em torno dessa manifestação cultural e, mais especificamente, das visualidades do folguedo La Ursa e dos festejos de Momo, como multiplicidade interpretativa, simbolicamente significativa, que cria relações de saber e de poder.

### 3.4 TERRITÓRIOS DO “LA URSA” DO BAIRRO DO RANGEL - JOÃO PESSOA - PB

Os territórios do La Ursa, geralmente, são espaços urbanos públicos por onde trafegam e residem várias pessoas. Na Paraíba, encontramos esse folguedo tanto em bairros da capital quanto em municípios vizinhos, como Bayeux, Santa Rita, entre outros. Nas manifestações carnavalescas de João Pessoa, a incidência de grupos de La Ursa é mais significativa em vários bairros da cidade, como Mandacaru, Alto do Matheus, Ilha do Bispo, Cristo Redentor, 13 de Maio, Grotão, Rangel etc.. Uma das razões desse crescimento pode estar associada ao concurso Carnaval Tradição, evento público já citado. No entanto, um bairro que tem fundamental importância nesse rito carnavalesco, para esta pesquisa, é o Rangel, onde, em todos os anos, os festejos de Momo proporcionam aos seus moradores a convivência com manifestações culturais - desfiles de tribos indígenas para folclore, blocos de arrasto com orquestra de frevo e diversos grupos de La Ursa, que desfilam no bairro e em diversos outros lugares da cidade.

Localizado na zona Oeste do município de João Pessoa, capital da Paraíba, o Rangel faz divisa com o Jardim Botânico da capital, uma reserva urbana não reflorestada e natural de flora tropical. A leste, é separado pelo rio Jaguaribe e pelo Bairro de Cruz das Armas; a Noroeste, faz fronteira com o Bairro do Jaguaribe e, ao Norte, faz divisa com o Bairro do Cristo em seus limites meridionais, ficando Cruz das Armas também a oeste, com a via Ocidental do mesmo bairro, como mostra a figura adiante.

Também conhecido como “antigo Varjão”, o Rangel é um local que agrega significativo número de templos religiosos evangélicos, centros espíritas, igrejas católicas, como também cultos religiosos de origem africana, como terreiro de umbanda e o candomblé.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-7.147536,-34.8618381,14z>

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2014), a população do Bairro do Rangel com condição de domicílio e compartilhamento de responsabilidades é de 16.973 mil habitantes - 8.053 do sexo masculino e 8.920, do feminino. Desse total, são alfabetizadas 14.413 pessoas. Todos os domicílios dispõem de infraestrutura básica dos principais serviços públicos e privados, nas áreas de educação, saúde, transporte, comércio, segurança e lazer para seus habitantes. O bairro é servido de escolas públicas e privadas, saneamento básico, calçamento, água encanada, várias linhas de ônibus, dois clubes sociais, posto policial, posto de saúde, praças, feira livre, lojas e serviços diversos.

A situação econômica de seus moradores é constituída por profissionais autônomos, funcionários públicos, trabalhadores do comércio e outras pessoas autônomas que produzem renda por meio de “bico” ou trabalho informal, da venda de produtos e serviços variados. Essa diversidade socioeconômica, aliada às condições de boa infraestrutura, proporciona uma relação de pertencimento de seus moradores e de seu habitat. O pertencimento, aqui, tem o sentido de se reconhecer como parte desse território, de ser reconhecido e representado pela cultura na comunidade e em outros espaços presentes no estilo de falar, agir e competir em eventos, entre outros aspectos socioculturais característicos dessa multijunção territorial que compõe o Rangel. Trata-se de um local onde se produz formação de sentido social, cultural economicamente construída e capaz de atribuir juízo de valor a objetos e atitudes.

No Bairro do Rangel, a presença de La Ursa é uma das mais intensas da capital. Nos períodos que antecedem e em que se comemoram os festejos carnavalescos, é comum encontrarmos variados grupos de adolescentes, tanto do sexo masculino quanto do feminino, construindo e saindo às ruas com as La Ursas. Nesse bairro, é fácil nos depararmos com grupos de La Ursa profissional tanto da comunidade, quanto de outras vizinhanças desfilando nas ruas e nas praças. Essas atrações fazem parte do cotidiano de seus moradores, todos os anos, durante essa época, e, cada vez mais, são motivo de orgulho da comunidade e de destaque nas manifestações socioculturais da capital.

### 3.5 DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

A seleção dos entrevistados foi uma ação decisiva para este estudo. Delimitamos as escolhas, considerando a possibilidade de abranger pontos de vista diferenciados sobre um mesmo entretenimento, vistos a partir das formas de participação, construção da brincadeira, performances do personagem, confecção de máscaras, fantasias e suas formas de interagir com o público. Para isso, escolhemos como objetos de estudo dois grupos de La Ursa: um espontâneo, autodenominado de “Macaco Louco do Rangel”, e outro, conhecido como “Urso Amigo Batucada”, que desenvolve um trabalho

profissional contínuo durante o ano inteiro voltado para a participação no Carnaval Tradição e à apresentação em eventos públicos.

As principais características que identificam o modo de agir desses dois grupos de ursos diferem na forma de atuar e no propósito, como podemos observar na tabela abaixo.

Macaco Louco do Rangel Espontâneo	X	Urso Amigo Batucada Profissional
Produz a própria fantasia.		Compra ou encomenda a fantasia.
Não participa de editais culturais, não inscreve projeto nem é patrocinado.		Participa, inscreve projeto no Fundo de Incentivo Cultural-FIC-JP/PB, FUNJOPE, entre outros.
Não tem lugar certo de onde sair.		Sai de um local pré-estabelecido.
Utiliza cuia.		Utiliza contrato.
Utiliza frases e provocações.		Não utiliza.
Saem sem o conhecimento dos familiares.		Sai com apoio dos familiares.
Produz seus instrumentos.		Compra seus instrumentos.
Pede dinheiro aos transeuntes.		Não pede.
Provoca o poder público.		Não provoca.
Não participa do Carnaval Tradição.		Participa.
Sai às vésperas e durante o carnaval.		Sai o ano inteiro.
Utiliza ruas e calçadas para produzir suas fantasias.		Trabalha em sede comunitária no bairro.
Não promove oficinas.		Promove oficinas de percussão.
O urso é sua única alegoria.		Utiliza diversas alegorias além do urso.

Com essas constatações, verificadas in loco por meio de observações participantes, entrevistas e documentação fotográfica, obtidas no decorrer desta pesquisa, foi possível identificar outras peculiaridades exclusivas desse folguedo. Por meio de diálogos estabelecidos com os grupos em questão, a

pesquisa teve acesso a dados como: identificação dos entrevistados, grau de escolaridade, locais de atuação da brincadeira, motivação da brincadeira e a confecção dos adereços do “Urso”.

As entrevistas foram realizadas durante o período de 29 de janeiro a 02 de fevereiro de 2013. No grupo de La Ursa espontâneo, fizemos uma investigação atentando para as seguintes perguntas: qual o público que faz parte e brinca de La Ursa? Quais os nomes dos brincantes e as idades? Resposta: “M. B. T. S. (Mago), M. R (Lila), E. R.(Lisa), J. L. A.(Zé), V. A. S.(Van), C. M. B.(Cal), L. F.(Lula), D. B. M.(Dan), I. da S. L.(Imar)”. Os nomes dos entrevistados são fictícios, em vista de serem menores, com idades entre 10 e 14 anos.

Onde moram (Bairro)? E onde brincam La Ursa? *Resp. “Moramos todos no Rangel, na Rua Bom Jesus, nas ruas próximas a ela e perto da praça. E brincamos La Ursa aqui no Bairro, nas ruas, sinais, praças, feira e na Bartira (uma das ruas do Bairro)”*.

Qual o local de encontro do grupo para fazer a brincadeira? Como vocês fazem para avisar aos colegas e chamá-los para brincarem? *Resp.: “Na praça, na calçada. A gente chama os amigos da gente, passamos na casa deles e eles dizem vão e a gente começa a fazer. A gente sai chamando de um em um, bora! Bora”!*

Como vocês definem quem vai representar o urso? E a música? E como dividem o dinheiro? *Resp.: “A gente reveza, e quem quiser, pode ficar um pouco fazendo o Urso. Já a música agente inventa ”canta La Ursa tua mãe quer te vender” [...] esse urso né daqui é de mandacaru quem não der dinheiro ao urso vá tomar no cu.[...] Alô, alô macaco louco viemos aqui pedir paz no carnaval 2013 [...]. O dinheiro a gente divide tudo por igual. A gente dá dois reais pra cada e um pouquinho mais pro urso. Quem for o urso ganha mais”*.

Por que vocês brincam de La Ursa? *Resp. “Pra ganhar dinheiro, comprar roupas variadas, comprar máscaras, lanche, instrumentos musicais (percussão), materiais pra bater!”*

Todos vocês estudam? Onde? Qual o grau de escolaridade dos participantes? *Resp. “Sim! Aqui nas Escolas Durmeval Trigueiro Mendes e Tiradentes. E a escolaridade varia do 4º ao 8º ano do ensino fundamental”*.

A escola contribui com a brincadeira do Urso de alguma maneira? Ajuda na feitura da máscara? Como vocês fazem para obtê-la? E a fantasia? E os instrumentos? *Resp. “Não! só o negócio da máscara quando a professora de artes fala alguma coisa sobre reciclagem, pra poder aproveitar alguma coisa (material) e transformar em outra. Na disciplina de artes ela desenha as máscaras e a gente pode pegar e também fazer. A gente guarda os desenhos no caderno de um ano pra outro, copia e começa a fazer. A primeira vez que a gente se reuniu começou a fazer máscaras de papelão, depois a gente juntou dinheiro e comprou uma melhor. A fantasia a gente faz o figurino na roupa e começa a cortar a roupa, tira foto de uma e de outras fantasias de La Ursa e copia por elas. Usamos camisas normal ou velha, pega, rasga e faz esse negocinho (nó e buracos) assim, e faz as tiras e amarra assim, (mostrando a fantasia pronta e como ela é montada. As vezes uma costureira amiga ajuda. Já os instrumentos a gente pega latas e sai batendo. Pau, ferro, balde e o que faz barulho, depois guardamos elas ai (bueiro de um esgoto danificado) pra ninguém pegar”.*

O que as demais pessoas dizem? E suas famílias, o que pensam? Vocês se encontram com outros ursos? O que ocorre? *Resp.: “Só uns que passam e ficam desmoralizando, tem outras que ameaçam a gente dizendo que o conselho tutelar vai vir nos pegar. Teve vez que já botaram polícia pra vir atrás da gente. Não tem nada a ver! A gente num tá roubando! num tá matando! estamos só brincando de Urso! Nós pedimos em casa pra vir né, às vezes eles não deixam não, mas a gente vem assim mesmo, e ganha dinheiro pra gente mesmo. Quando a gente encontra outros Ursos, eles querem que a gente saia com eles, mas só quer dar um real! A gente disputa pra ver que toca mais, quem bate mais, mais eles batem (tocam) mais que a gente, pois eles tem instrumentos bons (bombos). A gente tem que ter cuidado também quando encontra outro urso, pois eles vem e querem tomar o dinheiro da gente. A gente tem que dar a parte dele, e às vezes, eles tomam o material da gente para bater e fica com as latas. É eles tem inveja da gente! Ai se tiver dinheiro no copo (cuia) eles veem tomar nosso dinheiro e sai correndo”.*

Os diálogos desses encontros nos possibilitaram estabelecer uma comunicação direta com os componentes do grupo espontâneo de Urso e a

ampliar o leque de informações sobre os brincantes e suas relações sociais, bem como conhecer as aventuras que ocorrem e envolvem a brincadeira durante o período de sua atuação. Constatamos algumas especificidades que apontam para a composição do “Macaco Louco do Rangel”. É um grupo formado por crianças de ambos os sexos, porém predomina comando da brincadeira o gênero masculino, além de não existir uma regularidade efetiva dos componentes do La Ursa.

No tocante ao grupo profissional “Urso Amigo Batucada”, é formado por crianças, adolescente e adultos, todos moradores do Bairro do Rangel. Entrevistamos alguns integrantes adultos desse grupo. Depois de ouvi-los, conhecemos a relação de proximidade que eles têm com a comunidade e os significados atribuídos à folgança. Tais relatos contribuíram significativamente para esclarecer e enriquecer alguns pontos de vista antes desconhecidos por esta pesquisa sobre a atuação desse grupo profissional. Assim, em entrevista aberta, tivemos acesso às informações sobre o tempo de atuação do grupo, suas características específicas e singulares, o público-alvo e a finalidade social do folguedo na comunidade.

Em diálogo com os Srs. Jarbas e Adailton de Souza (Daw), que fazem parte da representação e da organização do grupo “Urso Amigo batucada”, perguntamos: há quanto tempo existe esse Urso? Quantos são os componentes atualmente? Quais suas principais características? *Resp.: “Oito anos. Em 2013, tínhamos 35 componentes, atualmente, estamos com 50 (2014). A principal característica de nosso Urso é formar batuqueiros, principalmente crianças, e cidadão de bem. Outros diferenciais que temos dos demais grupos é o fato de saímos durante o ano inteiro, mesmo sem contrato. Além disso, nosso Urso se destaca dos outros porque nós inserimos no corpo do espetáculo elementos circense como pernas de pau, malabares e misturamos esses a outros elementos e personagens do folclore popular como: alegorias de boi, burrinhas, Katarina Mateus (personagem criado por nós), entre outros. Ou seja, todos os anos procuramos inserir novas atrações e personagens na brincadeira que passam a fazer parte da apresentação do Urso”.*

Onde vocês desfilam? Quais as competições de que participam? Qual a finalidade das intervenções? *Resp.: “No bairro, no Carnaval Tradição, na Estação Ciências, Arte e Tecnologia Cabo Branco, no Centro turístico, no Espaço Cultural (Fundação), no Ponto de Cem Réis (Centro da cidade), no Centro Histórico, entre outros. Competimos no Carnaval Tradição, onde fomos campeões nos desfiles de 2010 e 2014, e ficamos em 3º lugar em 2012 e o 2º lugar em 2013. Nossas performances e intervenções são direcionadas exclusivamente para entretenimento do público”.*

Quais as oficinas que vocês oferecem e onde? Que critérios utilizam para selecionar os participantes dessas oficinas e para o Urso? Como a comunidade e os pais das crianças veem o trabalho de vocês? Vocês desfilam na comunidade também? E quais as formas de captação de recursos financeiros para o Urso? *Resp.: “Oferecemos aqui no centro comunitário do Rangel oficinas de batuque (percussão), expressão corporal (o som dos brincantes), introdução a técnicas circense (pernas de pau e malabares). Para o público ter acesso a elas, no caso de crianças e adolescentes é necessário que a pessoa interessada esteja matriculada numa instituição de ensino regular, frequentando alguma escola e que cuide da aparência. Como também, tenha a autorização dos pais ou responsável, no caso de menor de idade. A comunidade é convidada a vir mensalmente participar de reuniões, alguns veem. Os pais das crianças que frequentam e participam do nosso Urso, respeitam e apoiam nosso trabalho, porém, para chegar até isso, fizemos e continuamos a fazer todo um trabalho político de conscientização do Urso como um trabalho social, educativo e cultural, enfatizando a importância dessa brincadeira como um fator de entretenimento coletivo que trabalha e ocupa o espaço ocioso desses jovens afastando-os de vícios (drogas), da ociosidade, promovendo ações que valorizam a cultura local, construindo conhecimentos sobre ritmo, movimento, equilíbrio, e proporcionando aos participantes integração e acesso a outras opções de público, elevando assim a autoestima dos participantes e a boa relação com a comunidade. Temos o compromisso de desfilar todos os anos na terça feira de carnaval na comunidade, esse dia é exclusivamente dedicado para ela. Já a captação de nossos recursos é feita através de subvenção do governo para a federação de ursos e repassada a*

*nós, mas também participamos de editais e trabalhamos por contrato para apresentação pública”.*

As observações in loco e as e o desenvolvimento dos grupos de La Ursa espontâneo e profissional do Rangel permitiram verificar como esse folguedo apresenta formas diferenciadas de construir visualidades, conhecimento, aceitação e atuação em seu território de origem. Possibilitou, ainda, conhecer de perto o trabalho de ação social que existe nos bastidores dessa brincadeira, desenvolvido e reconhecido na comunidade e no meio cultural.

No tocante ao grupo espontâneo, por se tratar de um “La Ursa”, formado exclusivamente por crianças da mesma comunidade, mas que não são reconhecidos nem têm apoio oficial, a construção da brincadeira acontece em condições adversas em relação ao caso anterior. O folguedo é visto e rotulado equivocadamente, muitas vezes por parte da comunidade e por integrantes do poder público como uma “afronta”, um “perigo” um “trabalho infantil” que põe em risco a integridade física dos brincantes, indo de encontro à ordem estabelecida.

Em vista disso, a relevância dessa brincadeira de La Ursa pode ser avaliada por sua atuação no contexto carnavalesco para a construção de conhecimento informal e para a produção de sentidos no campo das visualidades. Pode ser vista como uma forma de resistir aos valores construídos e se adaptar a eles, bem como uma desconstrução e uma reinvenção no âmbito da cultura local, em que o folguedo encontra-se inserido como manifestação cultural da cidade.

Observa-se que o La Ursa não se restringe a uma brincadeira idealizada para fins de entretenimento. Suas apresentações e aparições provocam questionamentos sobre os tipos de relações sociais instituídas e os processos de aceitação e valorização, visto que seus meios de interação com o público levam essa folgança a se inserir na sociedade, tanto de forma pacífica quanto conflitante.

## 4

**VISUALIDADES E PERIPÉCIAS TRANSGRESSORAS DOS FOLGUEDOS  
LA URSA “MACACO LOUCO” E “URSO AMIGO BATUCADA” DO BAIRRO  
RANGEL - JOÃO PESSOA - PB**

Neste capítulo, investigamos como as visualidades construídas pelos repertórios dos grupos de folguedo “Macaco Louco” e “Urso Amigo Batucada” desenvolvem suas relações de conhecimento ao brincar e disponibilizar entretenimento na comunidade do Bairro do Rangel, usando alguns princípios da Cultura Visual.

No tocante às peripécias transgressoras desses grupos, estudaremos como podemos considerar o conceito de “transgressões”? Por quem? Qual a importância do folguedo no contexto da educação? Para isso, tomamos como ponto de vista fatores socioculturais e econômicos dessa folgança e sua adaptação a outros ambientes para a conquista na projeção territorial.

A Cultura Visual, como uma perspectiva educacional, é um campo de pesquisa recente, que investiga a construção de contextos sociais produzidos nas visualidades difundidas no cotidiano, pelas mídias e pelos meios de comunicação de massa (TV, cinema, vídeos, internet e outros) e produções artístico-culturais, artes plásticas, fotografia e entretenimento de demais formas de expressão. Autores como (TOURINHO; HERNANDÉZ; MARTINS, 2011, 2007, 2011) entre outros, evidenciam a importância da Cultura Visual por proporcionar à pesquisa outras narrativas de estudo com um olhar crítico e investigativo sobre as imagens e os modos de ver, sentir e valorizar a imaginação e o prazer. É uma perspectiva que cruza as abordagens da arte e das ciências sociais como constituintes das práticas de produção e interpretação, sem se limitar às imagens, a sonoridade e as performances desenvolvidas pelo conjunto, além de outras possibilidades de interpretar essas ações por quem as faz e por quem as vê.

Segundo Irene Tourinho (p.4, 2011), a educação da Cultura Visual,

[...] ao compreender arte e imagem como cultura, [...] explora usos e possibilidades educativas e pedagógicas de um amplo espectro de visualidades que inclui imagens de arte, ficção, publicidade, entretenimento e informação. As imagens contam de nós, dos outros,

para nós, para outros. A natureza dinâmica das práticas do ver, na atualidade, cria novas responsabilidades para a escola. De fundamental importância para a educação da cultura visual é o papel da escola no empoderamento de professores e alunos para agenciar diferentes percursos de produção e significação sob perspectivas inclusivas que dilatam o olhar pedagógico e educativo sobre as imagens.

O estudo das visualidades na Cultura Visual não se limita apenas a educação formal, mas a qualquer dos processos de ensino aprendizagem, seja formal, não formal e informal.

Nesta pesquisa, nosso foco se debruça sobre dois processos de educação: a não formal, que é aquele promovido pelo chamado terceiro setor da economia, formado por sindicatos, associações de bairro, clubes recreativos, centro acadêmicos, igrejas, associações de pais e mestres, entre outras. É uma educação que não emite certificado de formação escolar e desenvolve um calendário de atividades voltadas para um público específico ou determinada comunidade. Trabalha com um quadro de funcionário, geralmente constituído por profissionais liberais, como também por pessoas que prestam trabalho voluntário das mais variadas áreas de atuação como: artistas, educadores sociais, moradores da comunidade, psicólogos, assistente social, entre outros. Atualmente, esse trabalho das ONGs ficou conhecido também pela expressão Terceiro Setor.

A expressão Terceiro Setor, segundo Livia Carvalho (2008, p.24-25), “tem sido utilizada para designar um conjunto mais complexo e abrangente de intervenção da sociedade civil, compreendendo a participação de novos modos de pensar e agir sobre a realidade social”. Em 2005, o boletim da Rede de Informação para o Terceiro Setor (RITS) confirmou a existência de 250 mil ONGs no Brasil, atuando nas três esferas do poder público e em parceria com empresas privadas. Essa informação nos dá uma ideia da dimensão de recursos e ações que esse setor movimenta e da importância que ele tem para manter e desenvolver a educação não formal do país.

Quanto ao processo educação informal, é aquele fomentado pela família, pela Igreja, pelos meios de comunicação de massa (jornais, TV, rádio, Revistas, internet, entre outros), além dos espetáculos artísticos e culturais (música, dança, teatro, artes visuais, folclore), bem como toda a forma de interação promovida pela convivência do cotidiano das ruas e do entorno do

indivíduo. Esse processo de educação não tem regras, horário fixo, sede, formação curricular, reconhecimento oficial das instituições de ensino, nem trabalhadores voluntários com horários pré-estabelecidos. Acontece ao acaso, em qualquer lugar, a qualquer instante e de maneira espontânea. Seu principal fator de indução é disseminar todo e qualquer tipo de informação e estabelecer o despertar de relações que envolvem curiosidade, consumo, prazer e indignação, entre outras. É uma educação não reconhecida formalmente, mas que acompanha o indivíduo durante todo o seu percurso existencial. Trata-se de um processo que se dá ao longo da vida em caráter contínuo.

O grupo de espontâneo “Macaco louco do Rangel” é um La Ursa formado a partir de cinco ou mais crianças e adolescentes, com faixa etária entre nove e quatorze anos de idade, que estudam regularmente no ensino fundamental nas séries que variam do 4º ao 8º ano. Motivadas, todos os anos, pelo prazer de brincar e de ganhar dinheiro, as crianças constroem suas fantasias, alegorias e visualidades através de conhecimentos informais obtidos por meio do contato e da troca de informações. Algumas vezes, contam com a ajuda dos moradores da comunidade e dos conhecimentos obtidos no convívio escolar na disciplina Artes. Seu trabalho é encontrado nas ruas do bairro, sempre na véspera e durante o período carnavalesco, ao exibirem coreografias improvisadas no momentos em que bricam em locais públicos como: ruas, semáforos, praças e feira livre. A brincadeira de Urso envolve a dança, o som, as músicas, as provocações, os sustos e os recursos financeiros obtidos das apresentações em público.

No entanto, a divisão financeira do apurado da brincadeira pode variar de grupo para grupo e só se diferencia, em alguns casos, no valor a ser pago para o personagem do urso. Não existem dizeres específicos que caracterizem e especifiquem a fala ou o refrão de cada “Urso”, mas existe uma fala tradicional conhecida por todos os grupo de “La Ursa”, que é: “Lá Ursa quer dinheiro, quem não der é pirangueiro...”.

O que diferencia um grupo do outro são os acessórios, os instrumentos, o número de integrantes e as máscaras, uma vez que uns as produzem, e outros as compram em lojas. Outro aspecto que diferencia esses grupos é que a maioria, apesar de ser de “Ursos” de carnaval, é raro encontrá-los com a

máscara que represente esse animal. Esses grupos mantêm uma relação de distância, desconfiança, medo e apreensão com o poder público, uma vez que são discriminados por algumas pessoas da comunidade.

Para os grupos espontaneos brincantes de Urso, *o sentido desse entretenimento está em ganhar dinheiro e se divertir*. No entanto, ao existir, constroem uma relação com a comunidade que, dependendo da ocasião, pode variar entre amigável ou rebelde. Isso depende do critério adotado por quem está no papel do “Urso” e do humor de quem é abordado. Na maioria das vezes, quem assume esse papel é a pessoa mais desinibida, gaiata ou o mais forte do grupo, que se impõe por meio da força física.

Os familiares não participam desse tipo de Urso, porquanto seus integrantes, geralmente, participam da brincadeira sem consentimento da família. Os materiais utilizados para construir o “La Ursa” são escolhidos ocasionalmente, considerando a sonoridade, a cor, a disponibilidade e o efeito que pode produzir, seja para fantasia ou como instrumento. Segundo seus integrantes, o que não gostam na brincadeira *é de perder dinheiro e seus instrumentos para outro grupo. Consideram importantes a diversão e o dinheiro que ganham para comprar lanche e, às vezes, acessórios para enfeitar o “Urso”*. O grupo também não concorda com a postura do Ministério Público de querer proibir a brincadeira, pois isso, para eles, *é uma brincadeira, e não, um trabalho*.

O nome “Macaco Louco do Rangel” faz referência a outro grupo profissional de “Urso” do Bairro Mandacaru, da capital paraibana, conhecido por ter conquistado, por diversas vezes, o título de campeão na categoria “La Ursa” do concurso oficial de Momo da cidade de João Pessoa-PB, conhecido como Carnaval Tradição.

**Figura 13** - La Ursa Macaco Louco do Rangel**Foto:** Arquivo do autor

A espontaneidade do grupo “Macaco louco do Rangel” pode estar ligada a uma relação de pertencimento desses personagens com seu habitat, seus integrantes, sua família, a escola que frequentam, os amigos, bem como seus referenciais o tornam parte da comunidade, construindo uma relação afetiva que faz com que se identifiquem com o ambiente e os liga por laços estreitos de prazer, afetividade, de amizade, de estar, conhecer e se reconhecer nesse ambiente, como parte dos costumes e da cultura do sentimento da comunidade. A respeito dessa relação, Michel Maffesoli (1999, p.37) explicita que

a cultura do sentimento é, portanto, a consequência da atração. Agregamo-nos segundo as ocorrências ou os desejos. É uma espécie de acaso objetivo que prevalece. Mas o valor, a admiração, o “hobby” o gosto que são partilhados tornam-se cimento, são vetores de ética.[...] uma moral “sem obrigação nem sansão”; sem outra obrigação que a de unir-se, de ser membro do corpo coletivo, sem outra sansão que a de ser excluído se cessa o interesse (inter-esse) que me liga ao grupo.

A interpretação social desse fato aponta para uma estreita ligação entre o entretenimento e uma relação de prazer, que nos conduz ao seguinte questionamento: não será o ato de brincar que desencadeia uma relação informal e promove as ações que fomentam o conhecimento no grupo, gerando uma construção do saber?

As observações e as entrevistas realizadas levam-nos a depreender que o prazer da brincadeira amplia as relações sociais. Desenvolvem-se relações, experiências e parcerias na confecção de máscaras e fantasias carnavalescas. É um conhecimento que brota na improvisação de performances, na criação de instrumentos sonoros e estudos sobre a reutilização de materiais descartáveis.

Essa informalidade espontânea do grupo “Macaco Louco do Rangel” dissemina um conjunto de ações de socialização e empreendedorismo em várias áreas de atuação. O fator econômico é incentivado ao se buscar a captação de recursos financeiros, mediante estratégias de defesa do grupo em relação a possíveis imprevistos, que podem ocorrer na rua durante o encontro e o confronto com outros grupos rivais da comunidade. A resistência também pode envolver o poder público, representado na figura do Conselho Tutelar, entre outras modalidades de repressão familiar à brincadeira. Nesse caso, o aprendizado por meio da educação informal é efetivo e promove resultados rápidos que são vivenciados na prática diária pelos componentes do grupo.

Assim, a brincadeira não desperta o sentimento de prazer, como também produz uma relação diversificada e interligada nas áreas de cognição, surgindo estratégias de subsistência por meio da educação informal. O ato do grupo espontâneo “Macaco Louco do Rangel” de se reunir para construir seu La Ursa desperta em seus componentes o desenvolvimento prático de formas de saber que vão além do campo das artes visuais e dos processos de confecção e modelagem de máscaras, noções de volume, textura, cores, dimensão, entre outras, utilizados também pelo ensino formal de artes.

Durante a entrevista, foi perguntado ao grupo se as aulas de arte na escola que frequentavam no ensino formal contribuía, de alguma maneira, para fazer o La Ursa. A resposta foi *sim*. Como? Segundo eles, *as aulas os ensinavam sobre técnicas de trabalhar com materiais reciclados, mostrando novas possibilidades de reutilização, na escola e nas aulas de artes aprendem técnicas de trabalho em modelagem com papel marchê, a qual utilizavam fora do ambiente escolar para confeccionar a máscara do urso*. Ou seja, o conhecimento formal desenvolvido na escola é reeleborado pelo grupo informalmente para fins de entretenimento e de lucro. Observou-se que, apesar de a escola não participar diretamente dessa manifestação, colabora, de

alguma maneira, para a utilização e o direcionamento da visualidade do folguedo.

Percebemos que a reciclagem de materiais é desenvolvida em algum momento pela escola durante as aulas de arte e é apropriada pelas crianças e pelos adolescentes que brincam o folguedo. Dessa maneira, como nos mostra Renata Wilner (2006, p.5),

o fazer artístico, através da experimentação da reciclagem de materiais e suas possibilidades, amplia sua significação a partir da relação com contextos extra escolares. A reciclagem de materiais, portanto, ultrapassa o que poderia denominar-se “estética do precário”, para tornar-se um desafio às possibilidades de combinações de usos, significados, funções e formas, revelando-se excelente exercício criativo.

Rosza Zoladz (1995, p. 216) interpreta essa questão ao considerar que ocorre por meio

[...] da reconversão de formas e funções, a partir do emprego de materiais variados, está na base dos exercícios criativos que caracterizam a produção de objetos recicláveis.[...] pela incessante busca de satisfação da *Kunstwollen*, o desejo de beleza se expressa no fazer.

Outra questão levantada para o grupo foi esta: como vocês conseguem ou produzem a vestimenta do urso de seu grupo? Resposta: *“nós a fazemos reutilizando roupas velhas que temos ou mesmo a farda da escola que não serve mais. Pegamos uma roupa da farda escolar velha, sem uso, fazemos nela vários furos, em seguida sacos de nylon ou outras roupas usadas e cortamos em tiras, e pregamos as tiras nos buracos costurando uma a uma até a roupa ficar pronta. Às vezes, pedimos para uma pessoa que costura, pregar pra nós as tiras”*.

Essa resposta nos remete a outro ponto de vista, o de que o grupo pode, eventualmente, contar com a colaboração de terceiros para ajudá-los, caso precise, e que a comunidade reconhece, ajuda, e participa, algumas vezes até diretamente de sua elaboração. A comunidade pode se integrar ao folguedo tanto como plateia como na coprodução. Isso dependerá da necessidade e da habilidade do grupo para envolvê-la.

Temos uma ação informal incentivada pelo ato de brincar que proporciona prazer. Isso desencadeia uma construção estética, performática, produzida na e com a comunidade de visualidades envolvendo relações de convivência social, econômica, conhecimentos formais e informais por meio de ações que transgridem o senso comum. É uma reelaboração que ocorre durante alguns momentos e modos de ver, ouvir, pensar, agir e expressar, num cotidiano onde refletir e ser reflexo é parte de uma brincadeira que desafia a todos em seu entorno.

As máscaras contruídas ou adquiridas em loja nem sempre fazem referência à imagem do urso. Geralmente, são compradas, têm características de outro animal, como o macaco, ou fazem alusão às exibidas em filmes e seriados de terror americano, como “pânico” ou alguma forma de “caveira”. O intuito é sempre o de provocar uma reação de “temor, medo ou repulsa”. Essa relação entre o homem e a máscara já existe há muito tempo. Na pré-história, segundo artigo publicado por Ivete Raffa (2004)<sup>12</sup>, “*as máscaras começaram a partir de pinturas na cara. Eram usadas para representar deuses e forças maiores que a dos homens*”. Isso variava de acordo com a cultura e religiosidade do povo que as adotava.

Em vista disso, esse acessório passou a ter grande importância cultural para o homem, como nos mostra o artigo da Ana Lúcia<sup>13</sup>, em que ela afirma que as máscaras

desempenharam, em muitas civilizações, o papel espiritual, como instrumentos principais em rituais sagrados. Assim foi na África, quando eram elaboradas por mãos artísticas, com feições distorcidas, proporcionalmente maiores do que as normais, constituídas de cobre, madeira ou marfim; no Egito Antigo, onde mascaravam as múmias prestes a serem enterradas, enfeitadas com pedras preciosas; entre os indígenas norte-americanos, habitantes do noroeste dos EUA, bem como os Hopi e os Zuni, em solenidades nas quais pranteavam seus entes queridos que haviam partido para a espiritualidade. Os nativos brasileiros, em suas cerimônias, portavam máscaras simbolizando animais, pássaros e insetos; na Ásia, elas eram assumidas tanto em ritos espirituais quanto na realização de casamentos; em várias tribos primitivas, os índios mais velhos usavam máscaras em cerimônias de cura, para expulsar entidades negativas, com o objetivo de unir casais em matrimônio ou nos rituais de passagem, momentos marcados pela transição da infância para o mundo dos adultos. As máscaras também tinham características simbólicas, como se verifica nas tribos de esquimós que residem no

<sup>12</sup> <http://www.aomestre.com.br/fum/04.htm>.

<sup>13</sup> site: <http://www.infoescola.com/artes/historia-das-mascaras>

Alaska. Eles acreditavam na dupla vida de cada ser, de um lado humana, de outro animal. Dessa forma, as máscaras também eram produzidas com uma feição duplicada; em algumas festas erguia-se a mais externa, revelando a outra, até então oculta.

A mesma publicação também nos aponta que a importância das máscaras sempre esteve interligada ao desenvolvimento do ser humano em qualquer parte do planeta, em todas as épocas da história. Isso ocorreu porque,

no mundo ocidental, os antigos gregos foram pioneiros no uso das máscaras, adotadas nas festas dionisíacas, perpetradas em homenagem a Dionísio, divindade responsável pelo vinho e pelos rituais de fertilidade. Nessas ocasiões, todos dançavam, cantavam, se embriagavam e realizavam orgias, evocando a presença do deus através do emprego da máscara. A Grécia foi também o berço do Teatro, modalidade artística que recorria constantemente ao encantamento das máscaras, até mesmo como uma forma de evitar que os atores incorporassem os mortos. Atualmente ainda se vê hábito perpetuado no Japão. Com a queda do Império Romano, os cristãos primitivos praticamente proibiram o uso das máscaras, considerando-as instrumentos do paganismo. Na América, elas desembarcaram junto com os europeus que para lá se transferiram, tanto como brinquedos infantis, quanto para bailes e outras festas. Em Veneza, no Século XVIII, as máscaras transformaram-se em itens de consumo cotidiano por todos os seus habitantes, revelando apenas o nariz e os olhos. Logo foram proibidas, pois dificultava a ação da polícia na identificação de criminosos, muito comuns nessa cidade naquela época. Atualmente elas são utilizadas em festas tradicionais, no Halloween, o famoso Dia das Bruxas, e no Carnaval; bem como em determinadas práticas profissionais, como a do apicultor, que assim se protege do ataque das abelhas; ou em certos esportes, como a esgrima". (www.infoescola.com/artes/historia-das-mascaras/)

O uso da máscara no folguedo La Ursa é um acessório indispensável. Sem ela, a brincadeira se descaracteriza e não existe. Para obtê-la, o grupo cria seus próprios meios, tanto comprando em lojas quanto em magazine, como também as fabricando. Para o grupo, o ato de brincar de La Ursa está diretamente associado ao prazer de se divertir e ganhar dinheiro, usufruindo de maneira imediata, direta e prática dos benefícios que a brincadeira lhes proporciona. A questão relacionada à construção de conhecimento informal acontece espontaneamente, da mesma maneira como ocorre em outros modos de se relacionar ao acaso. Esse acaso promove a socialização do grupo, determina as tarefas a serem realizadas para cada um e para todos, tanto para construir, quanto para brincar de La Ursa, onde irão buscar as condições

básicas para formar o folguedo. É também o acaso que determina onde o grupo vai brincar, as performances realizadas pelo “Urso”, bem como o jogo de palavras e de sedução utilizado para interagir com o público e a hora de começar e terminar a brincadeira.

**Figura 14** - Macaco Louco do Rangel



Fonte: Arquivo pessoal do autor

O acaso também atua como elemento de ruptura da brincadeira como “proteção” ou “margem de manobra”, caso o grupo precise se esquivar de possíveis imprevistos ocorridos durante a folgança. Essas situações

imprevistas provocam no grupo um estado de alerta, que o leva a improvisar soluções e estratégias de fuga para tal situação e contexto. Temos, então, um leque de situações desfrutadas nessa brincadeira pelo grupo espontâneo “Macaco Louco do Rangel”, viabilizadas através de estratégias de sociabilidade e de produção informal de conhecimento construída por meio do entretenimento. A rua, nessa concepção, pode ser entendida também como uma extensão do quintal de suas casas, uma vez que a diversão é socializada com a comunidade local e envolve o espaço físico e geográfico do bairro.

No tocante à comunidade, o grupo La Ursa espontâneo proporciona outras leituras de si. Para o público dos semáforos abordados em seus veículos, o conceito varia: para alguns, *é apenas um grupo de crianças se divertindo e pedindo dinheiro para brincar o carnaval*; para outros, *um bando de crianças soltas na rua sem referencial familiar*, para alguns dos trabalhadores do posto de combustível do bairro, que está na esquina do semáforo utilizado pelas crianças, *o grupo é considerado um bando de crianças rebeldes e inconsequentes. São crianças, como elas mesmas dizem, que ocupam as vias públicas de intenso trânsito automobilístico, provocam os motoristas ao tomarem a frente dos carros e utilizar performances que podem ocasionar risco de morte ou acidentes ao invadir as vias públicas, algumas vezes deitando-se nela e correndo entre os veículos em movimento, para abordar seus passageiros em busca de alguns trocados.*

Para o Ministério Público do Trabalho, esse entretenimento não é entendido como brincadeira, mas como uma forma de explorar o trabalho infantil, em que a “inoperância” dos pais para reprimir essa ação os torna coniventes com a situação e passíveis de punição na forma da lei por abandono de incapaz, exploração de menor, de incentivo até a mendicância. “*Como as crianças ficam sujeitas ao sol, ao calor e até a atropelamentos*”, como expressa a fala da procuradora do MPT, Edilene Lins, em matéria publicada por Júlio Silva, no Jornal Correio da Paraíba, sob o título “*A La Ursas expõem crianças a risco e MPT fará campanha*”, página B5, caderno cidades, sábado, 26 de janeiro de 2013, matéria em anexo.

As ações realizadas pelo grupo “Macaco Louco do Rangel”, consideradas subversivas ou inventivas, fazem parte de algumas das

peripécias transgressoras. São atos isolados observados sob concepção adulta, realizadas fora dos olhares dos familiares, sem o conhecimento dos responsáveis pelos integrantes do folgado. Entretanto, para o grupo, essas “transgressões” são consideradas fatos comuns, uma vez que, segundo eles, *sabem o que fazem e estão atentos, “ligados” a todo o movimento que ali ocorre, tanto é, que nunca houve qualquer acidente*. Isso indica que, na concepção do grupo, isso é tratado e entendido apenas como uma peripécia.

No tocante às demais peripécias desenvolvidas, identificamos outras relacionadas às estratégias de defesa. Alguns componentes do grupo a utilizam para se proteger e preservar de outros grupos e de seus próprios familiares e usam táticas para, por exemplo, guardar os instrumentos que utilizam na La Ursa. Nesse caso, são objetos encontrados nas ruas, como baldes de plástico, latas de tinta e pedaços de pau ou ferro que o grupo utiliza como elementos de percussão para produzirem som. Escondem-nos em locais de fácil acesso, mas fora da vista de outros. Um desses esconderijos improvisados é um bueiro de esgoto, que fica na esquina do semáforo, um dos locais onde o grupo faz sua performance, como mostra a imagem abaixo.

**Figura 15** Bueiro de esgoto - Bairro Rangel/ JP/PB -2013



**Fonte:** Arquivo do autor

**Figuras 16 e 17 - Criança tirando o balde e saindo do bueiro de esgoto**

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Temos, nesse caso, mais uma vez, um processo de transgressão e de peripécias utilizadas para explorar outras possibilidades. É uma atitude de defesa e autopreservação dos artefatos, que servem como instrumentos sonoros do grupo para a brincadeira do La Ursa. Outra peripécia muito utilizada pelo grupo envolve o jogo de palavras, em que a frase “La Ursa quer dinheiro, quem não der é piranguero” é instituída entre o grupo para dialogar com o público. É, de certa maneira, constrangedor, ao insinuar que a pessoa, ao não contribuir com o La Ursa, indiretamente é associada à imagem de piranguero.

Essa relação que o grupo desenvolve ao interagir com o público não é ensaiada ou organizada previamente. Acontece espontaneamente no calor das emoções, sem aviso prévio. São determinadas pela ocasião e da mesma forma que começa também termina.

**Figura 18** Urso Amigo Batucada do Bairro do Rangel/ JP- PB



**Fonte:** Arquivo pessoal do autor

O “Urso Amigo Batucada”, do Bairro Rangel, faz parte dos grupos de folguedo vencedores, por mais de uma vez no Carnaval Tradição, na categoria La Ursa. Trata-se de um grupo profissional e institucionalizado. Trabalha em uma sede localizada no centro comunitário de seu bairro, fazendo apresentações, não só no período carnavalesco, mas também durante todo o ano, tanto para eventos turísticos quanto para oficiais. Realiza trabalho social, ministrando oficinas de percussão, malabares e coreografia, que são abertas à comunidade e ao público em geral. Integrante da Federação de La Ursa da capital, esse grupo participa ativamente todos os anos do concurso do Carnaval Tradição. Recebe incentivo do poder público e consegue captar patrocínio de empresas privadas. Suas fantasias, adereços e alegorias são produzidos por profissionais trabalhadores na área de corte e costura, modelagem e artistas contratados para atender a tal finalidade.

**Figura 19** - Centro Comunitário do Rangel, sede do UAB



**Fonte:** Arquivo pessoal do autor - 2013

Trabalham com instrumentos musicais profissionais, produzidos industrialmente e adquiridos em loja. Usam um estandarte semelhante aos das escolas de samba que exibem a logomarca do Urso. Suas alegorias são compostas por personagens de dois Ursos, algumas burrinhas, dois bois, a representação folclórica do personagem pai Matheus e pernas de pau. Desenvolve uma coreografia bem elaborada, desenvolvida pelo grupo a partir do comando de seu líder, que se destaca dos demais componentes por estar em cima de pernas de pau, num plano superior aos demais. O líder comanda cada fase do bailado a ser executada. Para isso, utiliza o apoio de acessórios como apito, baqueta e tamborim, como mostra a próxima imagem captada na Estação Ciência, Artes e Tecnologia Cabo Branco, localizada na Ponta do Seixas, em João Pessoa - Paraíba.

**Figura 20** Urso Amigo Batucada, Est. Ciências e Artes, JP/PB.



**Fonte:** Arquivo pessoal do autor 2013

O “Urso Amigo Batucada” trabalha com um grupo formado de, aproximadamente, 50 integrantes, compostos de crianças, adolescentes e adultos. O que leva esse grupo às ruas, todos os anos, é o incentivo financeiro e a competição no concurso do Carnaval Tradição. Eles se encontram no centro comunitário do bairro e têm uma equipe responsável pela captação de recursos e definição de contratos para suas apresentações em locais públicos e turísticos. Suas alegorias e visualidades são encomendadas e produzidas por profissionais contratados.

O nível de escolaridade de seus componentes oscila entre o fundamental e o ensino médio. Eles brincam de La Ursa para competir. As coreografias são feitas por profissionais contratados para essa finalidade. O urso não tem uma fala característica. Em geral, trabalha só com ritmo e performances. O que os diferencia dos demais é o número de alegorias e de personagens acrescentados ao grupo. Costumam manter uma relação de parceria com o poder público, que o financia.

O “Urso Amigo Batucada” está oficialmente inserido na cultura carnavalesca da cidade e do bairro. Eles não utilizam os conhecimentos formais da escola no grupo, porque seus produtos e serviços são

encomendados ou terceirizados. O critério para ser o “Urso” é definido pela expressividade na manipulação do personagem. Existe participação familiar na construção do grupo - marido, esposa e filhos trabalham juntos como representantes oficiais da brincadeira. Os materiais utilizados no “Urso” atendem a critérios de sonoridade, brilho, volume, plasticidade, flexibilidade e contraste. O que eles mais gostam é de competir e se apresentar em locais públicos de grande visibilidade, onde são vistos e tratados pela sociedade como artistas.

O grupo “Urso Amigo Batucada” não utiliza mais a cuia para captar recursos financeiros pelas ruas do bairro. Suas apresentações em público ocorrem por meio de contrato e acontecem também esporadicamente, sem contrato, para a comunidade, quando executam ensaios abertos em praça pública do bairro de origem.

O sistema educacional formal do bairro não mantém diálogo com o folgado na atualidade. A escola não costuma inserir em suas propostas curriculares o estudo do La Ursa como um folgado popular. Ele é vivenciado fora da escola. Sagazmente, as crianças apropriam-se do conhecimento escolar e constroem relações com o La Ursa.

Não foram detectadas transgressões do grupo profissional pesquisado. Apenas peripécias no decorrer da coreografia, em que os “Ursos”, as alegorias e a batucada executam um bailado, explorando o espaço da apresentação. Seus personagens interagem com o público, dançando, brincando, deitando no chão, abraçando pessoas, correndo em volta de todos, explorando o uso de planos baixo, médio e alto, interagindo com o ritmo executado e bem marcado desenvolvido pela batucada. Na imagem adiante, vê-se uma das peripécias executadas pelo personagem principal do grupo. É explorado “um bom comportamento do urso”, que só é visto como algo fora do comum, unicamente pelo fato de estar fantasiado e agindo como pessoa. Nesse caso, predomina uma visualidade rica construída em cores, formas, ritmos, personagens e performance.

**Figura 21** Urso Amigo Batucada- JP/PB- 2013

Fonte: Arquivo pessoal do autor

As peripécias transgressoras, nesse caso, estão associadas à maneira como o urso se integra ao público, mas sempre de maneira dócil, comportada, obedecendo a padrões sociais estabelecidos pela regra de civilidade e de bom comportamento. Nesse caso, o contrato delimita e inibe a irreverência e atos de transgressão, visto que a opção do grupo por excluir a cuia para pedir dinheiro e deixar de utilizar frases provocativas de duplo sentido ou palavras e expressões pejorativas o torna aceitável socialmente. Essa troca de postura do irreverente para o passível ou dócil permite que o grupo desfrute de “regalias”

de ser a estrela do espetáculo e mantenha a sua disposição às condições básicas para sua manutenção e subsistência, como: cachê, transporte, status, pauta previamente definida, com data, hora, local, divulgação do espetáculo e acesso a novos contratos.

É um Urso tido como “bonzinho”, amigo, adestrado, carinhoso, brincalhão, bem comportado e que não contraria. Não utiliza a voz, não incomoda. Faz o gênero do espetáculo para turista ver. Essa postura adotada pelo grupo “Urso Amigo Batucada” pode ser entendida como submissa, uma vez que pouco ousa expressar outras facetas típicas da brincadeira.

Outro fato que fica explícito na realidade desse grupo é que a própria imagem do urso não passa a ideia de medo, pânico. Seu semblante não é malvado ou assustador, mas dócil. Nesse caso, o conjunto das visualidades desse grupo é mais comportado e condizente com os seus personagens e com a composição rítmica de sua batucada, como também na maneira como constrói a interação e envolve seu público-alvo. O público é convidado para participar da apresentação e se envolve em pequenas coreografias através de gestos e reverências, seguindo o comando do líder do grupo, lembrando ações de um apresentador de programa de auditório.

**Figura 22** - Público de uma apresentação do GUAB- Estação Ciências - JP/PB



Fonte: Arquivo pessoal do autor - 2013

Percebemos que o contexto em que o grupo “Urso Amigo Batucada” desenvolve suas apresentações são locais públicos geralmente estruturados para eventos, como a Estação Ciência e Artes Cabo Branco, em João Pessoa - PB - e o Carnaval Tradição, entre outros espaços. Obedecem a um planejamento político estratégico feito através de um contrato para agradar ao público, às autoridades e à comunidade. Assim, temos um público “participativo”, mas passivo, bem vestido e alocado em local público, turístico que interage com o show, aplaudindo e desenvolvendo pequenas coreografias. É um público que não contribui financeiramente com o espetáculo. Entretanto, tanto a postura dos espectadores quanto a do urso e dos patrocinadores atendem aos interesses do poder público e obedecem ao código de conduta e de não transgredir “regras” sociais.

Nesse caso, o entretenimento profissional é passivo e sujeito ao controle de regras de etiqueta e postura social, uma forma de censura sutil que regula a espontaneidade e a expressividade de atos e ações do grupo “Urso Amigo Batucada”, tornando-os passivos de punição pelo contratante, caso inflijam essas “regras” sutis indiretamente impostas, uma vez que não estão explícitas no contrato. Essa imposição não explícita de conduta limita o desenvolvimento cognitivo do grupo, porquanto poda ou inibe a liberdade de expressão do personagem e pode comprometer suas ações.

A ação educativa não formal, nesse caso, desenvolve-se mais na sede do grupo por meio das atividades oferecidas pelas oficinas de percussão, técnica circense (malabares, pernas de pau, engolidor de fogo), coreografias e no trabalho de pesquisa e criação de sons com os brincantes, o que amplia o campo de conhecimento e atuação desse grupo de pessoas.

Essas oficinas são de significativa importância para os integrantes desse grupo de “Urso”, bem como para a sociedade em geral. São atividades que proporcionam a integração do grupo, o fomento a novos saberes no campo cultural, conhecimentos sobre o corpo e meios de expressividade, educação numa perceptiva sonora, construindo e difundindo saberes no campo da cultura local. São produções que agem como extensão da escola formal e atuam na comunidade como referencial artístico das manifestações culturais da localidade, proporcionando um trabalho de entretenimento para o público.

Essas oficinas também desempenham o papel de minimizar o acesso de menores ao crime, às drogas, afastando-os desse convívio violento presente no cotidiano de nossa realidade. São ações desenvolvidas pelo grupo “Urso Amigo Batucada”, que promovem a integração da sociedade local e referenda a credibilidade do trabalho social desse entretenimento.

**Figura 13** Sala de instrumentos do Urso Amigo Batucada



**Fonte:** Arquivo pessoal do autor

Apesar de as oficinas oferecidas pelos componentes do grupo “Urso Amigo Batucada” atuarem como elemento de fomento a novos campos de conhecimento, há um grande potencial de crescimento a ser explorado. O grupo atua também com alegorias e instrumentos musicais, mas ainda não disponibiliza, no momento, oficinas nesses campos de atuação. A construção de instrumentos e personagens pode ampliar significativamente o campo de conhecimento de outros elementos visuais e sonoros passíveis de serem absorvidos pelo folguedo. Assim, a exploração de outras perspectivas visuais e sonoras possivelmente contribui para estimular e disseminar novos interesses, tanto para os componentes do grupo quanto para o público-alvo. É uma maneira de estimular as necessidades de conhecer, trabalhar e produzir a confecção de suas fantasias carnavalescas, alegorias e instrumentos musicais.

## 5

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa, enfocamos a importância do folguedo La Ursa no processo de desenvolvimento da educação informal e não formal em alguns estados da Região Nordeste do Brasil. Verificamos que entretenimentos socioculturais dessa natureza influenciam maneiras de comportamento de pessoas, seus modos de agir, sentir e se expressar e que a convivência e a participação da sociedade com esse rito traz à luz novos olhares sobre a maneira de enxergar, respeitar e entender as transgressões promovidas por essa folgança, muitas vezes vista, equivocadamente, de forma preconceituosa, sempre que ela se sobressai na relação de valores e padrões “morais” socialmente estabelecidos.

Observamos que as regras de comportamento social desses ritos são determinadas segundo a subjetividade de cada um, quer o seja de cunho religioso, cívico ou festivo, e que desenvolvimento performático e discursivo estará atrelado diretamente à relação dos padrões estabelecidos pelo rito.

O estudo apontou que o folguedo La Ursa é um rito de natureza dramática da cultura popular que acontece às vésperas e durante o período carnavalesco e atua tanto no seguimento formal oficial quanto espontaneamente ou na informalidade, com forte participação em estados como Pernambuco e Paraíba. Que esses ritos se diferenciam de um para outro, e o folguedo La Ursa transita entre a ordem estabelecida e uma desordem social.

[...] Esse tipo de ritual e pensando de maneira específica nesses rituais do universo da cultura popular – tem uma natureza dramática. Eles são sequenciais, o seu desenrolar obedece a uma determinada ordem intencional, preconcebida, planejada e elaborada, com começo, meio e fim. (MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 5).

O La Ursa quebra esses padrões obedecendo ou rompendo regras de comportamento social, determinadas por meio de hierarquia, e normas de

conduta, mesmo que ocorra simultaneamente numa mesma data de realização em todo país, como no caso do carnaval.

Também verificamos que o La Ursa, por se realizar na mesma época do carnaval, absorve características desse rito de celebração nacional eclética, que agrega a convivência democrática de classes sociais diversificadas em um mesmo evento e espaço, de modo a promover uma quebra temporária fictícia de padrões sociais e hierarquização estabelecida entre pessoas, valores, costumes, liberdade de expressão, inversão de papéis, em gênero sexual e classes sociais, em meio a um processo de desconstrução temporária do cotidiano, como nos mostra Roberto Da Matta (1997), em seu livro, 'Carnaval, malandro e heróis'.

Na esfera oficial, o La Ursa transita profissionalmente, seguindo normas e regras de conduta e padrões impostos. No extraoficial, infringe padrões e atua espontaneamente, improvisando a apresentação pública, interpelando com falas e coreografias, provocações, ritmos e sonoridade. É uma forma de entretenimento também conhecido como folguedo ou folgança, que faz parte das danças dramáticas da cultura popular do folclore brasileiro, como o bumba meu boi, os caboclinhos, o maracatu, o reisado, entre outras.

Assim, nossa pesquisa teve como objetivo verificar como as modalidades artísticas (artes visuais, dança, teatro e música) são utilizadas pelos grupos "Macaco Louco do Rangel" e "Urso Amigo Batucada", quando brincam, La Ursa e que processos de ensino e de aprendizagem são desenvolvidos por esses grupos ao interagirem, tanto na comunidade do Bairro Rangel quanto no concurso do Carnaval Tradição, com as visualidades performáticas do folguedo.

A pesquisa mostrou que o grupo "Macaco Louco do Rangel" desenvolve suas ações a partir da informalidade e da espontaneidade, desencadeada por meio da relação de prazer, proximidade e da diversão. Que os grupos espontâneos de La Ursa são formados geralmente por crianças e tem como estímulo a arrecadação de alguns "trocados" ou dinheiro destinado à compra de lanches ou algum adereço extra para compor a brincadeira. A base que impulsiona a construção desses conhecimentos é obtida de maneira informal, como também reapropriada do cotidiano curricular formal das disciplinas

escolares, para servir na complementação e na confecção de artefatos carnavalescos e reutilizar materiais descartáveis. Isso demonstra a sagacidade desse grupo para desenvolver e explorar outras possibilidades de conhecimento proporcionadas pelo ensino formal, bem como as obtidas pela informalidade do cotidiano, apoderando-se delas e transformando-as em solução para as necessidades do grupo.

Assim, o “Macaco Louco do Rangel”, com o simples ato de construir uma brincadeira e levá-la para a rua, desencadeia uma relação social questionadora e provocadora com a comunidade e com o poder público. Nesse caso, alguns veem a ação de brincar como uma transgressão de regras e valores e, por outros, como mero entretenimento. Algumas peripécias não necessitam de regulação para acontecer, porém o simples fato de existir e de resistir, há décadas, em meio a esse “conflito” faz com sejam exemplos de uma resistência sociocultural estigmatizada.

Será que os parâmetros utilizados pelo Ministério Público do Trabalho para justificar e alegar que o folguedo La Ursa é uma exploração do trabalho infantil tem fundamentos? E o fato de esse órgão público promover campanha para reprimir proibir que os grupos de La Ursa atuem nas ruas de seu bairro, em semáforos e em outros locais públicos não se caracteriza como uma forma de repressão exacerbada? Sobre esse aspecto, a pesquisa demonstrou que essa brincadeira espontânea não tem indícios que a considerem uma forma de explorar o trabalho infantil. Não existem pessoas adultas colocando essas crianças para trabalhar, tampouco é uma ação que acontece continuamente como parte do cotidiano dos brincantes, uma vez que só ocorre especificamente nesse período festivo.

No tocante à comunidade, percebemos que ela colabora, apoia e incentiva a prática de La Ursa. Seus membros, muitas vezes, ajudam a confeccionar fantasias e contribuem com alguns “trocados”, sabendo que aquele grupo de crianças é de filhos de moradores do bairro, que têm nesse entretenimento uma maneira sadia de se divertir e ampliar saberes. Assim, a brincadeira desencadeia um leque de interpretações que transitam pelo campo da educação formal e informal passíveis de serem estudadas em suas inter-

relações de parceria, entretenimento, convivência social, cotidianidade, ação cultural, transgressão e construção de saberes.

No tocante ao grupo profissional “Urso Amigo Batucada”, verificamos que sua atuação é construída por meio da bricolagem e da fusão de elementos circenses com personagens do folclore popular brasileiro. O trabalho tem ênfase no entretenimento, que é apresentado em forma de espetáculo profissional em eventos públicos ou privados e em concursos carnavalescos. As performances envolvem o uso de coreografias estilizadas e improvisação no uso e na manipulação de adereços como perna de pau, malabares, alegorias e estandartes, realizadas em sincronia com o som da sua batucada durante a brincadeira de La Ursa. Esse espetáculo profissional é bastante eclético, uma vez que se adequa a todo tipo de público e espaço, e essa sua mobilidade amplia seu campo de atuação imprimindo mais visibilidade e difundindo o grupo, seja na comunidade ou em locais públicos. No campo educacional, as maiores contribuições desse urso acontecem por meio da exploração do conjunto de visualidades estéticas e performáticas inseridas em suas apresentações, por meio de novos personagens e adereços no corpo do espetáculo que é levada a público. São ações encadeadas pela estética que aguçam a curiosidade e a satisfação dos espectadores.

Outro ponto importante nesse processo educacional não formal é o desenvolvimento das oficinas de batucada, coreografia e técnicas circenses oferecidas à comunidade. Esse trabalho social é parcialmente responsável por estimular a inclusão escolar de filhos e moradores da comunidade do Rangel em estabelecimentos formais de ensino. Isso se justifica porque, para fazer parte desse Urso, uma das prerrogativas é estar matriculado e frequentando aulas em uma instituição de ensino.

Assim, essa ação social não só colabora para minimizar a evasão escolar, mas também atua como uma complementação da escola, formando batuqueiros, desenvolvendo estudos sobre técnicas de trabalho com elementos circense, manipulação do corpo, de alegorias e objetos, de instrumentos sonoros e noções de ritmos, como também de higiene pessoal, do cuidado com a aparência e a postura em público.

Dessa forma, o grupo profissional “Urso Amigo Batucada”, por meio dessas ações socioeducativas, induz crianças, jovens e adultos a fazerem parte de seu trabalho e os afasta do contato com a marginalidade, as drogas e a violência. Assim, promove mais oportunidades de ampliar conhecimentos e o empoderamento deles a uma valorização pessoal e da cultura local e sua integração em uma ação cultural que lhes dá visibilidade realizada a partir do entretenimento.

Essas ações e sua forma de permanecer em evidência e atuante, durante o ano inteiro, diferenciam-no dos demais grupos de La Ursa. Assim, para se manter em evidência, precisam, além das oficinas, de atuar constantemente na participação de editais e em contratos no campo da arte e da cultura que capitalizem recurso financeiros e materiais para sua manutenção, adequando um trabalho burocrático a um gerenciamento e à venda de serviços de entretenimento.

Portanto, com a análise dos dois grupos pesquisados, observamos que o desempenho e a atuação informal, espontânea e transgressora do “Macaco Louco do Rangel” produzem uma ação positiva significativa para o campo educacional. Para existir, utiliza todas as formas de recursos disponíveis que encontra e faz tais ações incentivadas pela relação construída através do ato de brincar. Assim, envolve não só o grupo, mas também diversas formas de conhecimento oriundos da comunidade, do ensino formal, não formal e informal, existentes em seu entorno. Também verificamos que o ato de aprender e de construir conhecimentos acontece a todo instante no ato de brincar tanto na ação informal quanto na não formal e profissional, como vimos no grupo “Urso Amigo Batucada”.

Isso demonstra que, nesse folguedo, o entretenimento transita em vários campos do saber. Suas regras e atuação dependem do objetivo e da finalidade proposta e como ela é vendida para o público e para a sociedade. Em vista disso, os grupos pesquisados apresentam desenvolvimento substancial e significativo de saberes, uma vez o processo de desenvolvimento do conhecimento acontece em ambos os casos, independentemente das condições distintas de cada um.

As diferenças econômicas, de infraestrutura e de reconhecimento social produzem, além de rivalidade, novos desafios e exigem outras estratégias de ação, fazendo com que a falta de recursos materiais e a “ausência ou o relaxamento” das regras formais preestabelecidas levem-nos a criar outros meios de se “organizar” e realizar a brincadeira.

Isso nos mostra o quanto o desenvolvimento de um entretenimento como o folguedo “La Ursa” pode ser importante no fomento de saberes para a sociedade e que o processo educacional informal, apesar de ser descriminalizado, pouco reconhecido e aceito socialmente, é responsável por produzir grandes resultados sociais que oportunizaram o surgimento de grandes personalidades artísticas, como Siron Franco, Cléber Gouveia, Pitágoras, entre outros.

Entendemos, então, que todos os tipos de educação têm sua importância fundamental na construção de conhecimento, e sua valorização social perpassa esse entendimento. A Cultura Visual exerce um importante papel social nesse processo, uma vez que suas bases teóricas atuam como uma ferramenta fundamental para uma compreensão crítica desses posicionamentos, ajudando a entender e valorizar as visualidades imagéticas produzidas no campo da arte e da cultura.

## 6

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Papyrus, Campinas, São Paulo, 1995.

AYALA, Marcos e AYALA, Maria Inês Novais. **Cultura Popular no Brasil**. Ática, São Paulo, 2006.

BAKTHIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais**. 5ª ed. Hucitec, São Paulo, 2002.

BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1985.

CARVALHO, Livia Marques. **O ensino de artes em ONGs**. São Paulo: Cortez, 2008.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª ed. Rio Grande do Norte. Editora global, 2012.

CAVALCANTE, Maria Laura Viveiros de Castro. **Ritual, drama e performance na cultura popular: uma conversa entre a Antropologia e o teatro**. Série Passagens, n. 12. Janeiro de 2011. Fórum de Ciência e Cultura. UFRJ. 18 p.

COULON, Alain. **Etnometodologia e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DENZIN, N. e LINCOLN, Y. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa – Teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ronne Franklim Carvalho. **MAZAGÃO VELHO: Imagem mundo de uma festa, um baile e suas máscaras**. Dissertação. Universidade Federal de Goiás/ Faculdade de Artes Visuais, Goiás, 2009.

Dicionário informal. Disponível em ><http://www.dicionarioinformal.com.br/piranguero/> Acesso 02 fev/ 2014,

GASPAR. Alberto. **A educação formal e a educação informal em Ciências. Ciência e público**. Rio de Janeiro, 2002. p. 171-183. Disponível em: <[http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art14\\_aeducacaoformal.pdf](http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art14_aeducacaoformal.pdf)> . Acesso em: 15 out. 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/html> Acesso em 06 fev/ 2014.

LEAL, Wills. **No tempo do lança-perfume ou a história do carnaval na/ da cidade de João Pessoa.** 2 ed. João Pessoa: [s.n.], 2000.

LIMA, Cláudia M de Assis Rocha. **Carnaval pernambucano: caboclinhos, ursos e bois.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=469&Itemid=181](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=469&Itemid=181)>. Acesso em: 05 nov. 2013.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva, **Técnicas de pesquisa, planejamento e execução de pesquisa, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MAFFESOLLI, Michel. **NO FUNDO DAS APARÊNCIAS.** Tradução de Bertha Halper Gurovitz. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2ª ed. Vozes , 1999.

MAGNANI, José Guilherme . **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana.** 1993. Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, originalmente publicado em Cadernos de História de São Paulo 2, jan/dez 1993, Museu Paulista- USP). Disponível em:[http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/rua\\_magnani.pdf.html](http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/rua_magnani.pdf.html). Acesso em 07 fev/ 2014.

MATTA, Roberto da. **Carnaval, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª ed. Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que o carnaval diz do Brasil.** 2012 Disponível em: <[http:// www. Revista época.globo.com/opinião/notícia/2012.html](http://www.Revista_epoca.globo.com/opinião/notícia/2012.html)>. acesso em 08 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. **INDIVIDUALIDADE E LIMINARIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RITOS DE PASSAGEM E A MODERNIDADE\*** Mana vol.6 n.1. Rio de Janeiro. Apr 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132000000100001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132000000100001&script=sci_arttext)> acesso em 08 fev/ 2014.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Estudo de caso etnográfico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília- DF, v. 25, n.2, p. 167-180, 2001. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=8783>. Acesso em: 15 jan. 2013.

MAUSS, Marcel. NOTA SOBRE MARCEL MAUSS E O ENSAIO SOBRE A DÁDIVA. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 14: p. 173-194, jun. 2000. Disponível em< <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a10n14.pdf>. Acesso em: 07 fev/ 2014.

NASCIMENTO JUNIOR, Luiz Gonzaga do. **Coisa maior de grande “Pessoa”**, São Paulo, EMI music Ltda, 1981, CD. faixa 15.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

**RAFFA**, Ivete. **A origem das máscaras**. Disponível em:<<http://www.aomestre.com.br/fvm/04.htm>> Acesso em 07 fev/ 2014.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Rio de Janeiro: Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, v. 2, 1967. (coleção folclore brasileiro).

**SANTANA**, Ana Lúcia. **História das máscaras**. Infoescola navegando e aprendendo. Disponível em> <http://www.infoescola.com/artes/historia-das-mascaras/> >.<<http://student.dei.uc.pt/~jsilva/>><<http://www.coladaweb.com/artes/historiamascaras.htm>,<<http://www.eps-penalva-castelo.rcts.pt/> )html>Acesso em 07 fev/ 2014.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. Editora Ática S.A, São Paulo, 1986.

SILVA, Everson Melquíades Araújo e ARAÚJO, Clarice Martins de. Formação Continuada de Professores e a Abordagem Triangular no Ensino de Artes. In **A abordagem triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**, BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs.), Cortez, São Paulo, 2010.

SHAEFER, Sérgio e JANTSCH, Ari Paulo. **O conhecimento popular**. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1995.

TOURINHO, Irene. CULTURA VISUAL E ESCOLA. Revista Salto para o Futuro, ano XXI, boletim 09, Rio de Janeiro, agosto de 2011. Disponível em:<<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14380009-CulturaVisual.pdf>.html>Acesso EM 07 FEV/ 2014.

TURNER, Victor W. **O PROCESSO RITUAL**: estrutura e antiestrutura. Tradução Nanci Campi de Castro, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1974.

WILNER, Renata. **Precariedades no ensino público de Arte no nível fundamental**. Disponível em :<[http://www.eba.ufrj.br/ppgav/lib/exe/feter.phd?media=anais\\_encontros...4.html](http://www.eba.ufrj.br/ppgav/lib/exe/feter.phd?media=anais_encontros...4.html)> acesso em 17 de jan 2014.

ZOLADZ, Rosza W. Vel. El reciclaje de materiales. In: **Artesanías de América**.Revista Del CIDAP, nº 46 -47, Cuenca, Equador, Ago. 1995, p.209-219.

## ANEXOS

Transcrição das entrevistas com os grupos de La Ursa “Macaco Louco do Rangel” e “Urso Amigo Batucada” em 29/ 01- 2013 às 15h

## 1ª ENTREVISTA (crianças)

1- Qual o nome do La Ursa de vocês?

Resp.: *“Não tem”!*

2- Qual o nome de vocês que compõem o La Ursa?

Resp.: *“Emanuela, Lila, Matheus e Lucas”.*

3- Como vocês se encontram para fazer o La Ursa?

Resp.: *“A gente se junta por uma boa razão: ganhar dinheiro, se divertir, passar o tempo”.*

4- Quem faz a fantasia?

Resp.: *“A costureira, uma amiga”.*

5- Todos os anos vocês saem no La Ursa ou é a primeira vez?

Resp.: *“Todos os anos, e esse ano vamos ter um participação no bar do “povo”.*

6- Quais os locais de onde vocês saem?

Resp.: *“Nas ruas, sinais, praças, feira, Bartira” (um local que fica no Bairro).*

7- Qual a idade de vocês, componentes do La Ursa?

Resp.: *11, 12, 13, 10 anos de idade.*

8- Qual a escolaridade de vocês? A série?

Rep.: *“7ª série”.*

9- O que vocês sentem quando brincam La Ursa?

Resp.: *“Acho legal”.*

10- E o que as pessoas dizem?

Resp.: *“Só uns que passa e fica desmoralizando, algumas que ameaçam dizendo que o conselho tutelar vai vir e vem pegar a gente, já botaram polícia já pra vir atrás da gente, não tem nada a ver, a gente num tá roubando, num tá matando, ta só brincando com o urso”.*

11- Quem faz a máscara de vocês?

Resp.: *“A gente comprou ela já feita, só fez decorar ela”.*

12- Os seus familiares dizem alguma coisa sobre vocês estarem brincando La Ursa?

Resp.: *“Não, a gente pede pra vir né, às vezes eles não deixam não, mas a gente vem assim mesmo, e ganha dinheiro pra gente mesmo”.*

13- Qual é o momento em que vocês se encontram para definir quando o La Ursa vai sair para brincar?

Resp.: *“Na praça, ali, aqui na calçada”.*

14- Vocês moram perto um dos outros?

Resp.: *“Sim, perto da praça, moramos todos aqui no Bairro do Rangel, nessas ruas próxima”.*

15 - O nome do La Ursa de vocês?

Resp.: *“Não tem!”*

16 - Como é a música do La Ursa de vocês?

Resp.: *“Neste caso, são variações de letras sem nenhuma definida. a) ”Canta La Ursa tua mãe quer te vender! b) o urso quer dinheiro quem não der é piranguero! c) “Esse urso não é daqui é de mandacaru, quem não der dinheiro ao urso vá tomar no cu!” Olha o palavrão aí, cara! Falou um dos integrantes! d) Esse urso é de mangabeira, quem não der dinheiro a ele vai morrer de caganeira. e) Alô, alô macaco, alô macaco louco, viemos pedir a paz no carnaval 2013. Temos várias, é porque agente esquece!”*

17 - Vocês convidam outros colegas pra brincar?

Resp.: *“A gente já é um grupo já”!*

18- Sempre teve meninas no La Ursa ou é só meninos?

Resp.: *“Sempre teve, todos os negócios tem meninas”.*

19- Como vocês fazem com o dinheiro quando termina a brincadeira?

Resp.: *“A gente divide tudo por igual, tudo igual, diferente dos outros, outro dia fizemos o urso com outros meninos, deu 20 reais e eles pegaram o dinheiro quase todo”.*

20- E os seus instrumentos, vocês saem improvisando, como fazem isso?

Resp.: *“Sim, A gente pega latas e sai batendo e guardamos elas aí pra ninguém pegar, “dentro de um bueiro de esgoto, com a tampa quebrada.”*

21- Vocês se encontram com outros ursos no caminho? E quando encontram, existe alguma rivalidade ou disputa?

Resp.: *“Sim, tem, eles só querem dar um real a gente quando a gente sai em outro urso. Tem pra ver quem toca mais, quem bate mais, mais eles batem mais que a gente, pois tem instrumentos bombos, eles brigam pra ver quem bate mais, faz mais barulho, toca mais. Ontem mesmo se encontraram o urso caveira e o urso panda”.*

22- E a escola, ela contribui com alguma coisa? O que vocês aprendem na escola serve, de algum modo, para o La Ursa?

Resp.: *“Não, só o negócio de máscara quando a professora fala alguma coisa, quando ela fala em reciclagem pra poder aproveitar alguma coisa”.*

23- Depois que termina o La Ursa, vocês sentem alguma coisa? Bem ou mal?

Resp.: *“Cansaço”.*

24- Onde vocês saem?

Resp.: *“Na feira, Jaguaribe, Cristo, praça, comércio, centro, na bartira, ruas”.*

25- Quanto ao Ministério Público, o que vocês acham?

Resp.: *“É que tem pessoas que denuncia, vê a gente no sinal e denuncia, é que o carro passa e pode ter um acidente, mas nunca houve”.*

Terceira entrevista com crianças e adolescentes, realizada no dia 02 fevereiro de 2013, às 16h - La Ursa também do Rangel.

Obs.: Esse será o grupo focal a ser pesquisado.

1- Qual o nome do La Ursa de vocês?

Resp.: *“Macaco louco do Rangel, da Rua Bom Jesus, Bairro do Rangel, João Pessoa, Paraíba.”*

2- Identificação? Nomes dos componentes e alguns dados do grupo

Resp.: a) *“Victor de Araújo Soares, 9 anos de idade, estudante da escola no Durmerval Trigueiro Mendes, mas agora vai estudar no Cristo. Na quarta série;*

*b) Cauê Marcos Bispo, 9 anos, 3ª. Série;*

*c) Luanderson Fernandes, 14 anos, estuda na Escola Tiradentes, na 8ª. Série;*

*d) Douglas Barros Marques, 14 anos, 6ª. Série;*

*e) Iranildo da Silva Lopes, 13 anos, estuda na Escola Matheus Ribeiro, 3ª. Série”.*

#### **Sobre a fantasia de vocês:**

3- Quem faz a fantasia?

Resposta.: *“A gente.”*

4- E como vocês fazem?

Resp.: *“A gente faz um furinho na roupa e começa a cortar a roupa, a gente tira a foto de uma e faz pro outro. Tira as fotos de outras fantasias de La Ursa e copia por elas”.*

5 - Que tipo de roupa vocês usam para isso?

Resp.: – *“Camisa normal, nova ou velha, e pega rasga e faz esse negocinho assim e faz as tiras e amarra assim” (mostrando a fantasia pronta e como ela é montada).*

6- E como vocês se reúnem para poder bolar isso tudo (elaborar) (fazem isso)?

Resp.: *“A gente chama os amigos da gente, eles diz que vai e a gente começa a fazer. A gente sai chamando de um em um, bora!, bora! A primeira vez que a gente se reuniu começou a fazer máscaras de papelão, depois a gente vai juntando dinheiro e compra uma melhor”.*

7- A escola contribui com alguma coisa para vocês ou de alguma forma?

Resp.: *“Não, não”*.

8- Os conhecimentos que vocês aprendem na escola servem para alguma coisa para o La Ursa? Em quê?

Resp.: *“Serve, serve, em educação, saber respeitar os outros.”*

9 - Quais as disciplinas que vocês cursam na escola (matérias)?

Respostas.: *“Várias disciplinas, Português, Matemática, Ciências, Inglês, História, religião e estudava Biologia também”*.

10- E não tem artes também?

Resp.: *“É... tem artes também!”*

11- Dessas matérias, tem alguma que (serve ou contribui) para o La Ursa?

Resp.: *“A de arte”*.

12- Em que a disciplina Arte ajuda/ serve) contribui para o La Ursa?

Resp.: *“Ela desenha as máscaras e agente pode pegar as máscaras e também fazer”*.

13- Mas vocês desenham a máscara no colégio ou aqui fora?

Resp.: *“Aqui fora, a gente desenha primeiro, copia do colégio, depois agente vê o tecido que a gente vai usar pra poder fazer a máscara”*.

14 – Bem, o La Ursa sai às vésperas e durante o carnaval, então, como vocês fazem para usar a escola, se ela é fechada durante o período de carnaval?

Resp.: *“Veja bem, a gente guarda os desenhos no caderno, e copia pelos desenhos que agente usava, e começa a fazer os desenhos. Eles são feito no ano anterior, para o carnaval de agora, não são feitos agora”*.

15- Por que vocês fazem La Ursa?

Resp.: *“Pra ganhar dinheiro, comprar roupas variadas, comprar máscaras , lanche, instrumentos musicais, materiais pra bater”*.

16- E quais os instrumentos de vocês?

Resp.: *“Lata, baldes, cabo de vassoura”*.

17- As famílias de vocês reclamam quando vocês saem pra brincar de La Ursa?

Resp.: *“Às vezes, às vezes minha mãe reclama, ela fica com medo! Ela diz olhe, quando um estranho lhe chamar não vá! E esse negócio. E a gente diz que já sabe já disso, que ela já deu conselho mais de três vezes”*.

18- E quanto à questão de La Ursa, vocês já tiveram algum problema com outros La Ursas?

Resp.: *“Sim, quando a gente faz o La Ursa e encontra com outro urso e eles vem e quer tomar o dinheiro da gente. E toma também! A gente tem que dar a parte dele, o pessoal fica tomando o material da gente bater, fica com as latas. É eles tem inveja da gente. Aí! Aí se tiver dinheiro no copo eles vem tomar nosso dinheiro, e sai correndo”.*

19- Como vocês selecionam os instrumentos para o La Ursa?

Resp.: *“A gente pega o que faz barulho, pau ferro, balde, lata”.*

20- Vocês improvisam a dança que fazem para ganhar dinheiro?

Resp.: *“A gente improvisa”.*

21- Qual o momento em que vocês decidem brincar de La Ursa?

Resp.: *“Sempre no final de janeiro, nas vésperas do carnaval”.*

22- E as meninas participam? Tem meninas no La Ursa?

Resp.: *“Não, não. Tem Lívia, mas ela não vem mais não”.*

23- Vocês saem em outros locais fora a rua e o sinal (Semáforo)?

Resp.: *“Não, só perto de casa, a gente não vai pro centro não, é longe e se não der muito dinheiro a gente não tem como voltar. É por causa disso que a gente não sai pra longe”.*

24- Como vocês dividem o dinheiro do La Ursa?

Resp.: *“Meio a meio pra cada. A gente dá 2 reais pra cada e mais um pouquinho mais pro urso e quem for o urso ganha mais”.*

25- Como vocês decidem quem vai ser o urso?

Resp.: *“A gente reveza”.*

26- Vocês acham que as pessoas gostam de vocês ou não?

Resp.: *“Acho que não”.*

27- E a música de vocês?

Resp.: *“Qualquer uma”.*

E o ritmo?

Resp.: *“Cada um vai e sai fazendo barulho”.*

## Entrevista com o “Urso Amigo Batucada do Rangel”

Local: Centro Comunitário do Rangel

Data: 01/02/ 2013, às 14:30 h.

Entrevista com Jarbas, um dos Integrantes do La Ursa U.A.B.R. (Adulto)

0.1- Há quanto tempo existe o Urso amigo batucada?

Resp.: *“Há 8 anos.”*

1- Esse urso saía antes sem contrato?

Resp.: *“A gente sai o ano inteiro, mas não tem data certa”.*

2- Qual a principal característica do Urso Amigo Batucada?

Resp.: *“Formar batuqueiros, principalmente as crianças”.*

4- Vocês desfilam também no Carnaval Tradição? Já ganharam alguma vez?

Res.: *“Sim, desfilamos e já fomos campeões nos desfiles dos anos de 2010 e tiramos o 3º lugar em 2012”.*

5- Nesse desfile oficial, vocês desenvolvem algum ou só o La Ursa faz intervenção com o povo?

Resp.: *“Só entretenimento e intervenção com o povo”.*

6- Quantos componentes tem o La Ursa de vocês? E instrumentos? Quais vocês utilizam?

Res.: *“35 pessoas, 30 instrumentos, só percussão (surdo, alfaia, repenique), entre outros.”*

7- Que critérios vocês escolhem para o personagem representar o Urso?

Resp.: *“Escolhemos a pessoa que melhor da vida ao personagem, verificando o desempenho que ela desenvolve ao manipular a alegoria, dançando e interagindo com o público”.*

## FACES DO CARNAVAL IMAGENS

**Figura 14** Reunião da Fed. de La Ursa/ prefeitura e imprensa/ 2013

Fonte: Arquivo pessoal

Figuras 26, 27 Garotas / instrumentos- manga/ Rangel 2013



**Figura 15** - Sede do Urso Amigo Batucada – Rangel - 2013



**Fonte:** Imagem cedida por Alfredo Amaral - UFPB

**Figura 16** - Alegorias U.A. B



**Fonte:** Alfredo Amaral - UFPB/2013

**Figura 17** La Ursa "M. L. R."



**Fonte-** Alfredo Amaral- UFPB

**Figura 18** - Macaco Louco do Rangel/ 2013



**Fonte:** Acervo pessoal do autor

**Figura 19** La Ursa Macaco louco do Rangel - 2013



**Fonte:** Acervo do autor

Foto do Carnaval Tradição JP/PB- Arquivo pessoal-2013

**Figura 20** Urso Verde



**Figura 21** La Ursa 3ª Idade - 2013



Figura 31 - Urso Panda



Figura 22 - Urso Folião



Figura 23 - Urso da Paz



**Figura 24** - Público infantil - Carnaval Tradição - JP/PB 2013



# Ala ursos expõem crianças a risco e MPT fará campanha

B5

Paraíba ■ Sábado, 26 de janeiro de 2013

Cidades

CORREIO DA PARAÍBA

**JULIO SILVA** desencorajada.

Para combater o trabalho infantil nas ruas, o Ministério Público do Trabalho vai começar no mês de março uma campanha para desestimular a compra de produtos vendidos por crianças. Segundo a procuradora do trabalho Edilene Lins, serão utilizadas peças em TVs, rádios e outdoors, para tentar diminuir a prática, que, segundo ela, aumenta durante o período de férias e expõe esses garotos a riscos diversos. No Carnaval, as tradicionais ala ursos levam muitos pequenos às ruas, que ficam a pedir dinheiro.

A brincadeira é fácil e basta que elas juntem suas fantasias e algumas latas para se divertirem e pedirem moedas nos sinais de trânsito, às vezes ganhando até R\$ 20 em um dia. Porém, para a procuradora do Ministério Público do Trabalho (MPT), é uma prática que deve ser

desencorajada. A brincadeira de G.H.F.V., de 11 anos, e seus amigos é se juntarem para pedir algum dinheiro no sinal de uma das ruas do bairro do Rangel, vestidos com trajes e máscaras de criaturas assustadoras. Os garotos disseram que gostam da brincadeira e que quase todo dia estão lá: "A gente junta um dinheiro e compra outras roupas, pra lancher salgadinho, coxinha, refrigerante", disse o menino.

R.S.F., também de 11 anos, está para começar o sexto ano. Tem o sonho de ser jogador de futebol e médico. Quando sai na rua, no Bairro dos Ipês, consegue ganhar de cinco a dez reais em um dia. "Uma vez consegui 20 reais e dei para minha mãe", disse o garoto, que quer comprar uma camisa do seu time de coração, o Vasco, e um celular.

No entanto, mesmo sendo uma forma de brincadeira, esta prática deve

ser desestimulada pela população, de acordo com a procuradora do trabalho, Edilene Lins. "Não acho que seja saudável para as crianças. Elas ficam sujeitas ao sol, calor e até a atropelamentos", disse a procuradora. Ela alerta para o fato de que, apesar do caráter de diversão, a prática é uma forma de mendicância. "A população deve ser desencorajada a colaborar com isso", afirma Edilene.

## Rádio e TV



A procuradora Edilene Lins disse que o Ministério Público do Trabalho vai divulgar em TVs, rádios e outdoors uma campanha com foco no trabalho infantil urbano. A campanha do MPT é realizada em nível nacional e começará na Paraíba no próximo mês de março, com duração de um mês. "Vamos conscientizar a população de que o trabalho infantil na rua é perigoso", disse a procuradora.

THIAGO CASONI



Crianças do Rangel brincam com máscaras que usam para pedir dinheiro nas ruas do bairro

- <sup>i</sup> Foram realizados levantamentos bibliográficos das palavras chave: la ursa, carnaval, folguedos, folclore, danças populares do nordeste brasileiro. Nos bancos de dissertações e teses dos Programas de Pós graduação: [http://www.pos.eca.usp.br/index.php?q=pt-br/artes\\_visuais](http://www.pos.eca.usp.br/index.php?q=pt-br/artes_visuais); <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>; <http://www.fav.ufg.br/culturavisual/>; <http://bndigital.bn.br/pesquisa.htm>; [http://www.biblioteca.ufpe.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024\\_1](http://www.biblioteca.ufpe.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1);

---

<http://www.anpap.org.br/paginas/anais.html>;  
<http://www.anped.org.br/internas/ver/reunioes-anuais>; <http://www.faeb.com.br/revista.htm>;  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_home&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nrm=iso). As investigações se deram no período de novembro a fevereiro de 2013, 2014, onde foi encontrado apenas um artigo que trata sobre o tema La Ursa, no livro “O folclore no Carnaval do Recife” da Katarina Real.